



UC/FPCE __2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

(Re)Visitando a Conjugalidade: Impacto da Reforma

Ana Catarina Silva Marques
(e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, **sub-área de especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Maria Madalena de Carvalho.**

(Re)Visitando a Conjugalidade: Impacto da Reforma.

Resumo: Neste estudo investigou-se em que sentido a aposentação influencia e tem impacto na conjugalidade. Para tal foram recolhidos dados através de questionários de auto-resposta a 32 sujeitos em fase pré-reforma (cinco anos antes) e em pós-reforma (até cinco anos depois). Os instrumentos utilizados foram a EAM (DAS) e o ENRICH, com intuito de avaliar e analisar as perceções da conjugalidade. Os resultados principais indicam, para a nossa amostra, uma melhoria significativa das perceções da conjugalidade após a reforma, em detrimento das perceções dos sujeitos que ainda se encontram na vida ativa.

Palavras-chave: conjugalidade, reforma, EAM (DAS), ENRICH, perceções da conjugalidade.

(Re)Visiting Marital Relationship: Impact of Retirement

Abstract: This paper aims to research if retirement has impact and influence on marital relationships. In order to do that, auto-response inventories were distributed to collect information about our sample of 32 people in preretirement or in postretirement phase.

The evaluation instruments used were EAM (DAS) and ENRICH. These instruments analyse the perceptions of adjustment and functioning of marital relationships. The main results showed an improvement in the perceptions of marital relationships since preretirement to postretirement phase.

Key Words: Marital Relationship, Retirement, EAM (DAS), ENRICH, marital relationship perceptions.

Agradecimentos

«Friends are those rare people who ask how we are and then wait to hear the answer.» Ed Cunningham

A todos eles, um grande obrigada.

À Professora Doutora Madalena de Carvalho, por tudo, sem conseguir detalhar tudo o que tem feito por mim e tudo o que tem significado. Por ser um exemplo. Por todo o tempo. Por toda a disponibilidade. Pelos bons ouvidos. Por toda a sinceridade e amabilidade. Todo o conhecimento. É difícil arranjar palavras para tanto que queria dizer. Por tudo, como dizia eu.

À Professora Doutora Isabel Alberto, pela disponibilidade *em tempos de crises de ansiedade* e pela partilha de conhecimento;

À Professora Doutora Sofia Major, pelas conversas de incentivo.

À Professora Doutora Teresa Sousa Machado, que sem saber me fez voltar a acreditar em mim.

À Professora Doutora Ana Paula Relvas; à Dra. Luciana Sotero; À Doutora Alda Portugal; à Dra. Margarida Vilaça e à Dra. Diana Cunha: Um grande obrigada por acompanharem o meu percurso nestes dois anos e por manterem a *Sistémica* viva!

Ao Professor Doutor Pacheco Miguel, por me ensinar, enquanto eu ainda “pequenina” na FPCEUC, que a Estatística era bonita.

Aos meus pais por tornarem tudo isto possível: À minha mãe por acreditar que era capaz e por andar de braço dado comigo em todos estes momentos da minha vida; Ao meu pai por confiar em mim.

Às minhas irmãs, pelas confidências, pela confiança e pelo amor.

Aos meus avós. Ao Delfim.

Ao Nina por me *indesignar* os anexos e pela paciência e disponibilidade.

À Maria das Neves e ao Filipe por serem meus avós a fingir; à Maria Edite e à Marialina.

À Joana Almeida Santos, por todas as palavras, todos os desabafos, todos os fins-de-semana que ficámos sem nos ver e as saudades começavam a apertar.

Ao David Fontoura, amigo para a vida.

À Bompastor e à Pitxi pela partilha de conhecimento e pelo eterno apoio.

À turma Sistémica, Saúde e Família (2012/2013) por todos os ensinamentos e amizades.

Às grandes amigas que criei em Coimbra: Bárbara Minas, Lisa, Renata, Sofia, Rui, Miguel, Rita, Mafalda, Leonor, Sara, Cláudia, Ana Paula, Soraia Fernandes, Fred, David Sarmento, Vasconcelos, Soraia Santos, Francisca, Bárbara Cruz e Daniela.

À minha família académica, a da praxe.

Ao Pedro, pela autenticidade e motivação.

À Rosa e ao Afonso, por serem uma segunda família.

Aos AMIGOS de Anadia, por serem quem são e me fazerem tão feliz, por acreditarem e por não me deixarem desistir.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	1
II - Objetivos	10
III –Metodologia	11
3.1. Critério de amostragem e recolha da amostra.....	11
3.2. Procedimento da recolha.....	12
3.3. Caracterização da amostra	12
3.4 Instrumentos de Avaliação	13
3.4.1. Questionário Sóciodemográfico.....	13
3.4.2. Escala de Ajustamento Mútuo (EAM)	13
3.4.3. Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH).....	14
IV – Resultados	15
4.1. Pressupostos de normalidade e homogeneidade amostral	15
4.2. Confiabilidade das escalas.....	16
4.3. Associação entre as variáveis sexo, idade, habilitações literárias e a variável reforma.....	17
4.4. Comparações entre as dimensões das escalas e a reforma.....	18
4.5. Análise multivariada da variancia (MANOVA).....	18
4.6. Análise univariada da variância	20
4.7. Análise das correlações	21
V – Discussão	24
5.1. Existem diferenças de género, de idade e formação para a variável reforma?.....	25
5.2. Existem diferenças entre a variável reforma nas dimensões da EAM e do ENRICH?	25
5.3. Existem diferenças de género nas dimensões do ENRICH?.....	26
5.4. Quais os resultados que predizem um melhor ajustamento mútuo (EAM) e um melhor funcionamento conjugal (ENRICH)?	28
VI – Conclusões	30
Referências bibliográficas	32
Anexos	36

Introdução

Ao longo da vida, o indivíduo sofre alterações a todos os níveis, sociais, pessoais e profissionais. Deste modo é importante o estudo do desenvolvimento individual no contexto relacional e profissional. Assim, a reforma, sendo uma das etapas cruciais no desenvolvimento pessoal, traz mudanças ao nível não só individual mas também familiar, o que, por sua vez, afeta a conjugalidade, trazendo consigo desafios que implicam a necessidade de adaptação.

Com o envelhecimento da população e o aumento da longevidade, verifica-se um aumento da permanência na vida ativa, adiando a reforma (Zappalà, Depolo, Fraccaroli, Guglielmi, & Sarchielli, 2008).

Reconhecendo a importância das mudanças influenciadas pela passagem da vida ativa para a reforma e sabendo da escassez de estudos na área, optou-se pela realização de uma investigação empírica de modo a perceber estes impactos na conjugalidade, em específico. Para tal analisou-se uma sub-amostra de 32 indivíduos em pré ou pós-reforma, estando obrigatoriamente casados ou em união de facto.

Mais concretamente, a intenção deste estudo é perceber de que modo e em que moldes a fase da reforma é importante na conjugalidade, com os seus altos e baixos e as suas mudanças de papéis quer a nível familiar, quer a nível profissional. Para tal, tentámos perceber a influência de variáveis sócio-demográficas, como habilitações literárias, idade, género e reforma nas perceções da conjugalidade.

É esperado que sejam encontradas diferenças entre a idade, o género e as habilitações literárias consoante a fase da reforma em questão, na percepção do ajustamento e funcionamento da conjugalidade.

I – Enquadramento conceptual

O envelhecimento, como qualquer uma das etapas do ciclo de vida, traz importantes mudanças ao indivíduo e à sua família. Muitas vezes este é um período associado a grandes perdas, mas será que também não existirão ganhos? É nesta perspetiva de procurar as forças desta etapa e as competências tanto do indivíduo como do contexto social, familiar, psicológico e demográfico que esta dissertação surge.

A reforma – considerada pela perspetiva sistémica como um

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

marco importante na passagem no ciclo de vida familiar – torna-se foco da nossa atenção e da sua influência no seio da família, nomeadamente a nível conjugal.

Já não é novidade que o envelhecimento da população tem sido progressivamente demonstrado em vários países, incluindo em Portugal. Segundo dados recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística, nos Censos de 2011, pode afirmar-se que em dez anos o índice de envelhecimento¹ aumentou de 102 para 128 (INE, 2011).

O envelhecimento demográfico trouxe importância ao estudo desta última etapa na vida dos indivíduos (Burnay, 2011). Sendo um campo tão importante na análise da população portuguesa, é premente que estudos sejam feitos na área. No entanto, existe ainda uma escassez de investigação que começa a ser colmatada, já que o envelhecimento tem sido alvo de estudo relevante por parte de profissionais nas mais diversas áreas (psicologia, medicina, enfermagem, sociologia, entre outras) (Dias & Rodrigues, 2012).

A passagem do tempo influencia diversas variáveis na vida de um indivíduo, seja na alteração de papéis na sociedade, na alteração do “eu” ou na alteração física (Cabral, 2013). No entanto, esta não é uma fase só de perdas. As perdas coexistem com os ganhos: Esta é, então, uma etapa de transformação, reorganização e crescimento (Walsh, 1995).

Cruz (2012, p.47) afirma que “a velhice é o período derradeiro do ciclo de vida, caracterizado por mudanças físicas, mentais e psicológicas, que vêm acentuar as limitações nas lides do quotidiano, com a evidência de alguns transtornos comuns aos idosos, como é o caso dos cognitivos, da diminuição da capacidade motora, com depressões associadas às restrições do enfraquecimento de muitas das suas competências humanas”. Para Jordan (2005) o envelhecimento é considerado, em termos sociais, como uma etapa do ciclo de vida não desejada. Assim, culturalmente é sabido que existe um esforço para adiar cada vez mais esta fase, na busca incessante pela “fonte da juventude”.

Fonseca (2006), por outro lado, mostra-nos a pertinência dos estudos sobre o envelhecimento, não só pelas tendências demográficas o exigirem, mas também pela contínua atividade nos indivíduos desta fase, não sendo um período de estagnação, inutilidade e senilidade. A estes estereótipos, que se acentuam à medida que a pessoa envelhece, chama-se *ageism*, termo que quando traduzido para a língua portuguesa se apresenta como idadismo. O *ageism* é simbolizado pelas crenças tidas em relação ao envelhecimento do indivíduo, em que se acredita que esta (a velhice) é uma etapa de inutilidade, solidão,

¹ O índice de envelhecimento é obtido a partir da relação entre o número de pessoas com sessenta e cinco (65) ou mais anos por cada 100 jovens em Portugal.

depressão, inatividade e doença (Fonseca, 2006, p. 27). O “ageism” não demonstra diferenças significativas em relação ao gênero, já que a partir de uma certa idade as pessoas mais velhas começam a ser denominadas de velhas, sem procura de variáveis importantes como é o caso do gênero. No entanto, Ribeiro (2012) demonstra existirem incongruências na literatura e que o gênero no processo de envelhecimento deve ser tido em causa na análise dos estudos sobre a população na idade adulta avançada, de modo a que o contexto em que o indivíduo se insere e o seu comportamento sejam tidos como originários de um determinado contexto sincrónico e diacrónico (Ribeiro, 2012).

Ao abordar o envelhecimento, nunca será sensato fazê-lo sem um olhar contextual, onde este envelhecimento é inserido, nomeadamente no seio familiar. Assim, na visão sistémica do ciclo vital da família, existem cinco fases de excelência na formação e desenvolvimento do sistema familiar (Relvas, 2006): a formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos (ou etapa do ninho vazio, família acordeão, ou família sanduíche). Estas etapas são caracterizadas pela co-evolução da família e do seu desenvolvimento enquanto sistema interdependente (Sousa, Patrão, & Vicente, 2012). Todas as etapas são confrontadas com tarefas que se devem cumprir para evoluir no contínuo que é o ciclo de vida familiar, e são essas tarefas que, ao produzirem crises, geram a mudança (Carter & McGoldrick, 1995). Também, em 1995, Virginia Satir defendia que certos eventos eram cruciais na família, trazendo mudança: nascimentos, mortes, doenças, mudanças geográficas, mudanças profissionais, entre outras. Assim, as mudanças mais frequentes, seja de entradas ou saídas do sistema, provocam crises normativas e com uma existência fundamental no desenvolvimento da família como um todo em transformação e evolução contínua (Relvas, 2006).

Deste modo, o “ser velho” enquadra-se no último estágio do ciclo vital. A fase do lançamento dos filhos adultos para o exterior é quando, muitas vezes, se inicia a confrontação com a própria velhice. Nesta fase é importante que algumas alterações comecem a surgir, como a aceitação das progressivas mudanças ao nível das funções e papéis, onde alguns destes são deixados, como se de uma herança se tratasse, à geração que a antecede (Sousa, Patrão, & Vicente, 2012). Nesta etapa são ainda esperadas algumas adaptações, por exemplo ao declínio físico e psicológico, ao luto de entes e amigos significativos, e ainda a adaptação e a gestão da própria morte (Sousa, Patrão, & Vicente, 2012).

Com a saída do último filho do “ninho”, quando os há, o casal está oficialmente na última grande etapa do ciclo vital. Nesta etapa, as tarefas tidas como fulcrais são a recriação da relação conjugal, ou seja,

o período de uma novo contexto a dois, o redefinir papéis com as gerações mais novas e mais velhas, a adequação e suporte familiar dos filhos “lançados” na sua vida exterior ao sistema nuclear, o ajustamento à reforma, adaptação e aceitação do envelhecimento; aprender a lidar com a sua morte e a do cônjuge, podendo ainda ter de se acostumar ao facto de poder ter de viver sozinho – sendo estas últimas ideias transversais à existência de filhos ou não (Relvas, 2006, p. 18).

Nesta revisão da literatura, as etapas do ciclo vital a que damos maior relevância são a primeira e a última. Na maior parte das famílias, a primeira etapa do ciclo vital da família é a formação do casal. Esta é uma fase evolutiva de elevada importância para a vivência da conjugalidade, não só por ser o seu início mas também pela existência de uma visão romantizada que sustenta o mito “E viveram felizes para sempre...”. Sendo assim, o namoro é o *início* da família; É uma fase a dois, onde se fazem planos para o futuro e se idealizam projetos conjuntos. É também uma fase de grande mistificação, onde o casal acredita que o amor que sente durará para sempre e que serão para sempre apaixonados intensamente um pelo outro (Relvas, 2006).

O namoro, fase inicial da formação do casal, é uma fase de ilusão, provido da existência de mitos que os enamorados tendem a suportar, e de preparação para o casamento (Lourenço, 2006). No entanto, é sabido que nem todos os casamentos são pautados por amor, outros também o serão pela pressão social, satisfação de expectativas e procura de uma companhia (Relvas, 2006). Ao contrário de outras relações familiares, o casamento é a única relação que parte de uma escolha, ou seja, que não é instituída. Nesta etapa do ciclo vital da família é pretendido que tarefas sejam desenvolvidas, como é o caso da redefinição de limites; da comunicação e gestão de conflitos; da diferenciação das famílias de origem e ainda a união, isto é, da fusão à empatia. Na visão de Lourenço (2006), o namoro é um conceito complexo e multidimensional. Existem diversas variáveis que, na altura da escolha de um parceiro, tomam grande importância, como questões sociais (associadas a questões financeiras, religiosas ou culturais); questões pessoais (como a beleza, a atração, ou a partilha de gostos); e movimentos pessoais mais instintivos. Muitas vezes o indivíduo espera encontrar no outro o que lhe falta e é neste sentimento de “incompletude eterna” que os indivíduos procuram a sua alma gémea (Sampaio & Gameiro, 2005). Todo o jogo marital pode ser visto, nas palavras de Sampaio e Gameiro (2005) como um puzzle, que estará para sempre incompleto, já que existem sempre peças que faltam e que nunca serão encontradas porque nunca existiram. Podemos, assim, comparar o casamento a um jogo de crianças onde os dois intervenientes (o casal) têm de brincar conjuntamente, ser criança a dois e conseguir usar um olhar infantil.

Quando não acontece, mesmo que apenas para um dos cônjuges, há uma tentativa de procurar essa solução a outros níveis, seja no trabalho, em relações paralelas, tratamento psicoterapêutico ou psiquiátrico, ou “tantos outros derivativos de afogar sonhos” (Sampaio & Gameiro, 2005, p. 100).

A união enquanto casal, que poderá ser mais ou menos espontânea, vai decorrendo ao longo do tempo que passam juntos, ajustando-se mutuamente e colidindo numa unidade: a conjugal (Nichols & Schwartz, 2004).

O desenvolvimento do casal, sendo este o *arquiteto* familiar (Satir, 1995) e o seu pilar, progride no tempo e por isso, tal como acontece com o sistema familiar, também aqui nos deparamos com um ciclo vital, o conjugal. Assim, na perspetiva de DeFranck-Lynch (citado em Relvas, 2006), as três etapas mais importantes da conjugalidade são o momento de fusão (coincidindo temporalmente com a formação do casal); o momento da rotina (em que o casal tem diversas crises por falta da novidade) e a etapa da empatia e a preparação para a reforma. O momento de *fusão* é considerado nos dez primeiros anos da relação, onde existe uma procura pela definição dos papéis, da rede social, do casal enquanto unidade conjugal. É nesta etapa que mais adaptações e alterações são necessárias e também aqui é almejada uma junção do “eu” e do “tu”; A segunda etapa (a *rotina*) dá-se, habitualmente, um afastamento do “nós” para voltar a um “eu” e “tu”, sem contudo existir um afastamento emocional, mas sim um aumento da individualidade. Esta etapa é característica entre os dez e os vinte anos de relação. Nesta altura, se o casal teve filhos, há também uma progressiva autonomia dos filhos em relação ao sistema familiar, que pode servir como preditor desta também individuação do casal; Por fim, o momento da *empatia*, que se dá no momento da saída dos filhos, quando existem, de casa, mortes de significativos, existência de netos ou mesmo o aproximar da reforma. Esta etapa é muito caracterizada por um voltar a valorizar a relação conjugal e um investimento na mesma (Pires, 2008). Também Lourenço (2006) nos traz uma nova visão sobre as etapas do ciclo evolutivo do casal, “sequência previsível de transformações na organização dessa instituição social, em função da realização de tarefas bem definidas, que marcam as etapas dessa caminhada” (Lourenço, 2006, p.17). Nesta perspetiva existem cinco grandes fases geradoras de mudança e evolução: a *idealização* (0-3 anos), *do estremecimento ao terramoto* (4-10 anos), a *empatia ou reaproximação* (11-19 anos), o *questionamento* (a partir dos 20 anos) e a última, mesmo que apenas hipoteticamente defendida pelo autor: o *companheirismo* (a partir dos 27/29 anos). Após esta longa *caminhada* desde a vivência do conto de fadas, do aborrecimento e das dúvidas, chegamos a esta última etapa, do *companheirismo*, associada também à vivência, fase de grande angústia para o cônjuge vivo. Nesta etapa é

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

necessária uma readaptação a diversos níveis. O processo de luto nesta fase é uma tarefa complexa, por agrupar mudanças a nível individual, social e especialmente familiar. Porém, esta é também uma fase de reorganização e aprendizagem (Lourenço, 2006).

É nesta fase que se dá o primeiro grande confronto com a velhice, coincidindo, normalmente, quando os filhos saem de casa dos pais e estes se veem com mais espaço e tempo quer físico quer emocional (Alarcão, 2002, p. 192). No contexto conjugal existem duas etapas em que o casal é o elemento exclusivo do sistema: no início e no fim de vida (apesar da interação contínua com o exterior e terceiras partes deste sistema, como as famílias de origem) (Sousa, 2006).

O amor sentido na época da formação do casal é diferente do amor sentido nesta fase mais tardia. Com o passar do tempo, a paixão foi acalmando e o amor ficando menos intenso, não querendo isto dizer que ficou mais fraco, apenas diferente. Assim, também é de salientar que diferentes sentimentos poderão ter surgindo e mudanças a nível relacional, como respeito, melhor comunicação, melhor satisfação recíproca, entre outras (Alarcão, 2002, p.194). Contudo, pode acontecer o oposto, muitos casais ficam juntos por habituação e rotina e continuam juntos devido à existência de uma vida em comum, seja por causa dos filhos ou de outra variável (Alarcão, 2002, p.194). Com o passar do tempo os casais vão demonstrando mais sinais de dependência e proximidade, assim como demonstração de afetos e cuidados (Relvas, 2006).

É fundamental nesta etapa que a individualidade dos elementos do casal seja mantida, já que é natural que um dos dois morra primeiro que o outro. Assim, é importante que o indivíduo exista como “eu” fora da relação, para não criar conflitos “existenciais” aquando a morte do cônjuge, para que consiga continuar a viver com sentido. Envelhecer juntos, significa também, envelhecer pessoalmente e fazer uma manutenção do “eu” (Alarcão, 2002, p. 196). Deste modo, o envelhecimento tem um impacto importante na conjugalidade, assim como a conjugalidade no envelhecimento, sendo variáveis que se afetam mutuamente. Pensemos, por exemplo, nos estudos que indicam que a taxa de mortalidade em casais “satisfeitos” é menos elevada (Narciso & Ribeiro, 2009).

Em termos de acontecimentos no fim de vida, Sousa (2006) considera que existem alguns marcos essenciais e de extrema importância como, as alterações na vivência das relações familiares, as alterações nas redes sociais, o “ser avô”, as perdas e a morte e, por fim, a reforma.

Torna-se pertinente, falar no fim da vida ativa, isto é, a reforma, acontecimento que permite um marco da passagem para a velhice (Sousa, 2006). Sendo algo que acontece gradualmente é um tempo pautado por etapas. Assim, é sabido existir um período de

antecipação, outro de decisão, o ato, o ajustamento contínuo, e o período de decisões posteriores à reforma (Sterns & Gray, 1998 citado em Whitbourne, 2000).

Em 2009, Torres (citado em Lopes, & Gonçalves, 2012) demonstra quais os principais impulsionadores da reforma: o atingir da idade da reforma obrigatória, a doença ou invalidez, vida económica favorável à reforma, perda de emprego, ser cuidador de alguém que exija muito tempo e problemas relacionados com o emprego.

Com o decorrer das mudanças ao nível da posição das mulheres no mercado de trabalho, assim como das mudanças sociais (relativas aos rótulos associados aos homens como o *ganha-pão* da família, ou das mulheres como cuidadoras do lar/ dos filhos) e profissionais dos trabalhadores, a visão da reforma também se alterou. Muitas vezes, depois da reforma os indivíduos arranjam outros empregos, ou até mesmo novas carreiras familiares (Moen, Kim, & Hofmeister, 2001). Em 1970, Beauvoir defendia que após a reforma, os homens se tornavam “desnecessários”, pois a sua vida profissional, aquilo para que tinham nascido fazer, teria terminado, enquanto a mulher teria sempre o trabalho doméstico e o seu trabalho era um contínuo ao longo da vida. Atualmente, com as mulheres a integrar o mercado de trabalho, no seio conjugal existem três “trabalhos”: o da esposa, o do marido e ainda o doméstico (cuidado do lar/filhos). Este último seria esperado ser dividido entre os dois elementos do casal. No entanto, e apesar da visão desigual da distribuição do trabalho doméstico estar em mudança, este continua a ser visto como um cargo da mulher (mesmo por estas, que se responsabilizam pelo mesmo, tomando-o como uma obrigação sua). Assim, na reforma há uma espécie de rutura no que diz respeito ao trabalho masculino, o que não se verifica no trabalho feminino, em que há uma continuidade nas responsabilidades domésticas e um trabalho continuado (Sousa, 2006). Assim, passados cinquenta anos desde as palavras de Beauvoir (1970), a dinâmica de trabalho diferenciada entre géneros modificou-se, se bem que a mulher, continuando com o trabalho no lar, demonstra indícios de melhor adaptação à reforma em detrimento do homem (Neto, 2012).

Usualmente, a reforma é vista como um fator de *stress* individual e é esquecido o impacto que esta tem no seio familiar (Moen, Kim, & Hofmeister, 2001). O trabalho ocupa grande parte da vida do indivíduo, sendo este primordial na vida do ser humano, já que é uma das formas de subsistência. Daí a importância da reforma, que acarreta consigo mudanças quer a nível psicológico, quer a nível social (Fonseca, 2012). Há diversas formas de enfrentar esta nova etapa, ou de uma forma mais positiva ou de uma forma mais negativa, no entanto, é sempre uma fase de turbulência e mudança. Fonseca afirma, ainda, que uma atividade com valor para o próprio e para o

outro é gratificante e preditora de boa saúde mental e bem-estar (Fonseca, 2012). É também preditora de uma boa reforma conjugal, a igualdade de papéis entre os dois elementos, seja a nível de interesses, de crenças, de grau académico, de valores, ou cultura (Moen, Kim, & Hofmeister, 2001).

Nesta fase é habitual serem confundidos termos como reforma e velhice, usando-os indissociavelmente. Contudo, cada vez mais esta associação deixa de fazer sentido e de se mostrar incorreta, pois os ditos “reformados” demonstram progressivamente um maior envolvimento em atividades, sejam estas desportivas, voluntariado, de ordem religiosa, universidades sénior, jardinagem, agricultura, entre outros (Fernandes, 2008, citado em Neto, 2012). Deste modo, a definição da barreira entre a idade média e a velhice não pode ser tomada a partir da reforma, já que uma nova tendência em relação às atividades praticadas tem sido verificada. A reforma deixa de ser o momento de estagnação e de abandono dos cargos, para ser uma nova etapa (Fonseca, 2006).

Ao longo dos últimos tempos têm vindo a ser feitas alterações nas condições dos contratos de trabalho e o mesmo se aplica às condições da reforma. Em 2014, o Decreto-Lei n.º 167-E/2013, de 31 de Dezembro, define a idade da reforma para os 66 anos (Diário da República, 2014). Em 1890, 68% dos homens com 65 ou mais anos ainda exerciam as suas funções profissionais, antagonicamente ao que acontecia em 1989, em que 90% estavam aposentados, tendo esta sido uma mudança gradual. Esta diferença é em parte justificada pela continuação em situação profissional até estarem incapacitados para a exercer (Simões, 2006).

Atchley (1976, citado por Fonseca, 2011) defendia a existência de fases do processo de transição e adaptação à aposentação: a fase *pré-reforma*; a *lua-de-mel*, a fase do *desencanto*; a fase de *definição de estratégias de coping* e a fase da *estabilidade*. A *pré-reforma* é a fase da aproximação da mesma, sendo uma etapa de desapego emocional face ao seu trabalho, podendo ser uma fase repleta de dificuldade e angústia mas também de entusiasmo; A *lua-de-mel* está associada ao primeiro impacto com a aposentação, onde, segundo o autor, há uma busca pela realização de sonhos e associada também a uma etapa de satisfação; a fase do *desencanto* diz respeito ao momento em que esta satisfação de que falamos na etapa anterior começa a diminuir e em que o indivíduo se sente vazio; a fase da *definição de estratégias de coping* está associada a uma procura pela parte do indivíduo em diminuir a insatisfação e em encontrar atividades que completem o seu dia-a-dia; por fim, a fase da *estabilidade*, que diz respeito ao momento de descanso e tranquilidade do indivíduo, em que as tarefas de adaptação estão cumpridas e este pode sentir-se bem com o seu novo rótulo social de reformado (Atchley, 1976, citado por Fonseca, 2011).

Nesta “meia-idade” de que falamos, existem alguns marcos importantes que se caracterizam por ser desenvolvimentais, como a menopausa, a andropausa, a reforma, o ser “avô”, a morte do cônjuge, entre outros (Fonseca, 2006). O que, naturalmente, tem impacto no ciclo de vida familiar e traz novas crises e tarefas a resolver. Segundo Davis (1992, citado em Fonseca, 2006) alguns fatores podem dificultar a adaptação e o desenvolver de estratégias para ultrapassar estas crises: a solidão; a ausência e rituais e o impacto das mudanças, tanto a nível individual como a nível social. Assim, e apesar da literatura nos demonstrar avanços em relação aos sentimentos de satisfação perante esta fase do ciclo de vida, existem também dificuldades e adversidades que prejudicam esta etapa e que provocam sentimentos mais negativos em relação à mesma (Fonseca, 2006).

A interseção da vida profissional na vida familiar é muito pertinente no estudo da conjugalidade. O impacto que o trabalho tem no sistema familiar e a forma como se influenciam mutuamente tornam importante o seu estudo (Narciso & Ribeiro, 2009). Loureiro (2011a) alerta para o facto de o consenso nos estudos que incidem sobre esta etapa do ciclo vital ser inexistente. Esta é uma etapa caracterizada por alguma confusão em torno dos papéis, pelas mudanças inevitáveis, em que as funções familiares e profissionais se vão alterando. Éo caso, por exemplo, da saída dos filhos de casa, em que o casal enquanto “pais” deixa de ter controlo sobre algumas variáveis, como a educação dos filhos (Bee, 1997 citado em Loureiro, 2011a).

Kim e Moen (2002), no seu estudo sobre a ligação trabalho e bem-estar, perceberam que a “reforma” não é um processo simples, mas influenciado não só pelas questões associadas ao bem-estar psicológico, mas também por experiências e questões relacionadas com o género em causa. Deste modo, estes autores defendem que, após a reforma, os homens tendem a mostrar-se enérgicos e com sentimentos positivos em relação às mudanças na sua vida profissional, encontrando-se numa fase de lua-de-mel, o que poderá ser explicado pela cessação das responsabilidades e pressão profissionais, sendo demonstrado um aumento do bem-estar. No entanto, os mesmos investigadores encontraram um aumento de sintomas depressivos à medida que os anos de reforma vão passando, agravados quando anteriormente já existiam indícios dos mesmos. Constataram ainda, uma evidência, apesar de pequena, da escassa existência de sintomas depressivos em homens recém-reformados cuja companheira continua empregada. Em relação às mulheres a tendência é inversa, isto é, quando os seus maridos ainda estão empregados, as mulheres tendem a demonstrar mais sintomas depressivos.

Moen, Kim e Hofmeister (2001) defendem que a informação relativa à profissão, isto é, a reforma ou vida ativa, são preditores da relação marital. Neste estudo, os autores encontram menores níveis de

conflito quando o seu cônjuge também está reformado.

Walker, Luszcz, Gerstorf e Hoppman (2010) encontram, no seu estudo, uma aproximação entre cônjuges no ciclo tardio de vida, demonstrando que os homens se sentem mais perto das suas mulheres e com mais comportamentos de demonstração de afetos. Estes autores referem ainda um impacto bidirecional entre cônjuges, tanto a nível negativo (depressão) como a positivo (estado de espírito/moral).

Deste modo, e considerando um tema tão premente e atual, dedicámos esta investigação ao estudo do impacto da conjugalidade na reforma, de modo a que sejam compreendidas algumas condicionantes e facilitadores da adaptação a esta etapa, tão nova e diferente da anterior.

II - Objectivos

Com o evoluir do casal no ciclo de vida, é esperado que as crises sócio-demográficas tragam mudanças no subsistema conjugal. Nesta sequência, o objetivo geral deste estudo é avaliar e realizar leituras compreensivas da hipotética existência de impactos na conjugalidade da expectativa pelos sujeitos da aproximação da reforma e de impactos na conjugalidade de sujeitos reformados há menos de cinco anos.

Os objetivos específicos desta investigação são:

- Averiguar a existência de diferenças de género, de idade e formação para a variável reforma;
- Investigar a existência de diferenças entre a variável reforma nas dimensões da EAM e do ENRICH;
- Averiguar a existência de diferenças de género nas dimensões do ENRICH;
- Perceber quais os resultados que predizem um melhor ajustamento mútuo (EAM) e um melhor funcionamento conjugal (ENRICH).

De seguida é apresentado o nosso mapa concetual (Figura 1.):

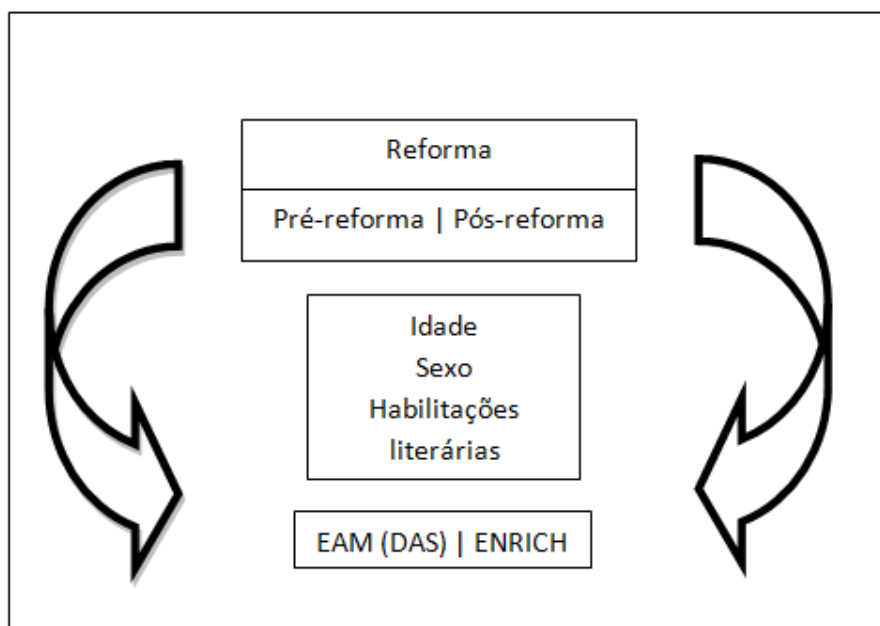


Figura 1. - Modelo conceitual hipotético das relações entre as variáveis do presente estudo empírico

III - Metodologia

3. Amostra

3.1. Critérios de amostragem e recolha da amostra

Este estudo empírico foi realizado recorrendo ao trabalho com indivíduos, casados ou a viver em união de facto, que se encontrassem em pré ou pós-reforma. Em pré-reforma, o indivíduo prevê reformar-se durante os próximos cinco anos. A sub-amostra em pós-reforma é constituída por sujeitos aposentados há menos de cinco anos.

Cada sujeito que engloba a amostra respondeu ao questionário sócio-demográfico, com questões relevantes acerca da temática específica do nosso estudo e questões mais de ordem pessoal (idade, profissão...); à Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) e à versão adaptada da escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH).

3.2.Procedimento da recolha

A recolha da amostra decorreu entre Janeiro e Junho de 2014, segundo um processo de amostragem não probabilística, intencional ou de conveniência (Maroco, 2007). Todos os sujeitos inquiridos foram indivíduos que, de alguma forma, nos foram sendo apresentados como demonstrando estar nas condições necessárias ao estudo. Para isso, o estudo foi divulgado através de redes sociais, mailing lists e contactos pessoais. No entanto, procurou-se a heterogeneidade como meio de tornar o estudo mais rigoroso e aproximado da realidade, sendo passível de generalização.

3.3. Caracterização da amostra

A amostra deste estudo foi recolhida no âmbito do projeto “REATIVA: um programa promotor de um envelhecimento ativo” (Loureiro, 2011b). Deste modo, a presente investigação tem como objetivo o estudo das perceções da conjugalidade, em função da reforma (antes ou depois).

A amostra é composta por 32 sujeitos. O subgrupo em pré-reforma é composto por 15 elementos (46.9%) e o da pós-reforma por 17 elementos (53.1%).

Se atendermos apenas aos dados dos sujeitos em pré-reforma, temos 3 sujeitos do sexo feminino (20%) e 12 do sexo masculino (80%), o que perfaz um total de 15 sujeitos. Quanto aos sujeitos em pós-reforma, obtemos 11 sujeitos do sexo feminino (64.7%) e 6 sujeitos do sexo masculino (35.3%).

Analisando esta amostra mais discriminadamente, tal como é verificado na tabela 1, esta é constituída por sujeitos, com idades compreendidas entre os 47 e os 70 (em que a moda é 62 anos e a média das idades é 59.88 anos) e, destes, 14 sujeitos são do sexo feminino (43.8%) e 18 do sexo masculino (56.2%).

Quanto às habilitações literárias os indivíduos distribuem-se apenas por três condições: dois sujeitos frequentaram somente o ensino básico (6.3%), o ensino secundário foi frequentado por quinze elementos (46.9%), assim como o ensino superior, composto também por quinze respondentes (46.9%).

Segundo a classificação portuguesa das profissões (INE, 2010), dos nove grandes grupos existentes, os elementos desta amostra distribuem-se por apenas seis destes, sendo que oito sujeitos fazem parte do grande grupo das profissões das forças armadas (25%), 12 do grande grupo de especialistas das atividades intelectuais e científicas (37.5%), 4 são parte do técnicos e profissões de nível intermédio (12.5%), 3 de pessoal administrativo (9.4%), 3 de trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e

vendedores (9.4%) e 2 serão trabalhadores não qualificados (6.3%).

Quanto ao meio de onde os sujeitos são provenientes, 2 são de meios predominantemente rurais (6.3%), 14 de meios medianamente urbanos (43.8%) e 16 de meios predominantemente urbanos (50%).

Tabela 1. Estatística descritiva das características gerais da amostra.

Características gerais da amostra		Reforma	
		Pré-reforma	Pós-reforma
Variáveis	Categorias		
Sexo	Feminino	3	11
	Masculino	12	6
Idade	40-59	10	3
	60-70	5	14
Habilitações literárias	Ensino básico	0	2
	Ensino secundário	9	6
	Ensino Superior	6	9
Meio de residência	Predominantemente rural	1	1
	Medianamente urbano	8	6
	Predominantemente urbano	6	10

3.4. Instrumentos de Avaliação

Nesta investigação foi utilizado um protocolo constituído por um questionário de recolha de dados sócio-demográficos e duas escalas de avaliação da conjugalidade: Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) - versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas em 2003- e a Escala do Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade - versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas em 2003 (Lourenço, 2006).

Segue-se uma breve descrição de cada um dos instrumentos utilizados:

3.4.1. Questionário Sócio-Demográfico

Este instrumento teve como objetivo a recolha de informação essencial (socio demográfica e dados complementares) para a caracterização dos sujeitos. Foram recolhidas informações sobre idade, sexo, habilitações literárias, estado civil, existência de filhos, relações atuais e anteriores, situação profissional, reforma e diversas questões sobre as atividades (realizadas ou desejadas) dos sujeitos reformados.

3.4.2. Escala de Ajustamento Mútuo

Esta escala é um questionário de auto-resposta com validade preditiva e de análise das relações diádicas conjugais (Lourenço,

2006). É composta por 32 itens divididos por quatro dimensões do *ajustamento conjugal: consenso mútuo, satisfação mútua, coesão mútua e expressão afetiva* (Tabela 2). É de notar que todos os itens obedecem a uma escala de tipo *Likert*, com exceção dos itens 29 e 30 que correspondem a uma resposta dicotômica (Sim ou Não).

Resultados altos significam ausência de problema, ao contrário de resultados baixos que demonstram existência de importantes vulnerabilidades conjugais (Lourenço, 2006).

Esta versão adaptada da escala tem um coeficiente de Crombach de .93 (Lourenço, 2006), o que indica uma boa consistência interna do instrumento (Tabela 2).

Segue-se a representação da correspondência itens-dimensões:

Tabela 2. Dimensões e itens da Escala de Ajustamento Mútuo

Sub-escalas	Itens	Alpha
Consenso Mútuo	1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15	.89
Satisfação Mútua	16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 31, 32	.81
Coesão Mútua	24, 25, 26, 27, 28	.76
Expressão Afetiva	4, 6, 29, 30	.67
Escala total	-	.93

3.4.3. Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH):

Este instrumento é uma versão revista e adaptada do *Enriching & Nurturing Relationship Issues, Communication & Happiness*, construída por Olson, Fournier e Druckman, em 1982 (Lourenço, 2006).

O ENRICH é constituído por itens que pretendem avaliar o funcionamento do casal, avaliando não só áreas problemáticas conjugais mas também áreas de enriquecimento (Lourenço, 2006).

Este é um instrumento de auto-resposta em forma de escala de tipo *Likert*, constituído por cento e nove itens, distribuídos por doze dimensões: *idealização; satisfação; aspetos da personalidade; comunicação; resolução de conflitos; igualdade de papéis; gestão financeira; atividades de lazer; relações sexuais; filhos e casamento; família e amigos e orientação religiosa* (Tabela 3).

Este é um instrumento de avaliação com um *alpha* total de .74 (Lourenço, 2006), que indica uma boa consistência interna, sendo por isso, uma boa escala (Tabela 3).

Segue-se a representação da correspondência itens-dimensões:

Tabela 3. Dimensões e itens do Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade

Sub-escalas	Itens	Alpha
Idealização	32, 40, 61, 66, 96	.79
Satisfação	13, 18, 30, 34, 50, 51, 78, 83, 94, 107	.84
Aspetos da personalidade	7, 12, 23, 29, 35, 42, 60, 74, 90, 109	.72
Comunicação	2, 5, 38, 52, 63, 69, 77, 86, 93, 103	.78
Resolução de conflitos	9, 37, 55, 67, 70, 75, 79, 91, 106	.73
Igualdade de papéis	11, 22, 28, 41, 53, 58, 71, 76, 92, 100	.75
Gestão financeira	15, 19, 25, 36, 43, 49, 73, 88, 104	.69
Atividades de lazer	1, 16, 17, 27, 31, 57, 68, 80, 108	.64
Relações sexuais	8, 14, 24, 39, 45, 59, 65, 101, 102, 105	.74
Filhos e casamento	4, 20, 33, 47, 48, 56, 82, 89, 97	.77
Família e amigos	6, 26, 46, 54, 64, 81, 85, 87, 98	.65
Orientação Religiosa	3, 10, 21, 44, 62, 72, 84, 95, 99	.79
Escala total	-	.74

Concluída a recolha dos dados, procedeu-se ao tratamento estatístico dos mesmos através do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences - versão 20.0) para o Windows.

IV - Resultados

4.1. Pressupostos de normalidade e homogeneidade amostral

Com intuito de analisar a normalidade da distribuição amostral e tendo em consideração a dimensão da nossa amostra (N=32), foi utilizado o teste de Shapiro-Wilks. Os resultados demonstram que a amostra segue uma distribuição normal (significância superior a .05), tanto para o somatório total da EAM (Shapiro-Wilks, $p = .35$), como para o somatório total do ENRICH (Shapiro-Wilks, $p = .08$) (Tabela4).

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

Recorrendo ao teste de Levene, com intuito de analisar a homogeneidade das variâncias, é percebido o cumprimento do critério já que os resultados são superiores ao valor convencional para rejeição deste pressuposto, tanto para a EAM (Levene, $p = .41$), como para o ENRICH (Levene, $p = .34$) (Tabela 4).

Assim, reunimos condições que asseguram anormalidade (cf. Anexo 1) e homogeneidade amostral (cf. Anexos 2 e 3), o que nos permite recorrer a testes paramétricos para analisar os dados obtidos para as duas escalas em uso neste estudo.

Contudo, para a verificação de diferenças entre grupos, recorreu-se a análises de variância (*one-way* ANOVA). Havendo necessidade de comparar grupos cujo tamanho da amostra era inferior a 30, realizaram-se análises não paramétricas² por forma a obter uma maior precisão nos resultados alcançados. Não se tendo verificado quaisquer diferenças, optou-se por reportar os valores obtidos nas análises estatísticas paramétricas, consideradas análises mais conservadoras e fidedignas.

Tabela 4. Critérios de normalidade e homogeneidade amostral

Teste de Normalidade			
Escalas	Estatística	Shapiro-Wilk	
		gl	Significância
EAM	.964	32	.349
ENRICH	.940	32	.076
Teste de Homogeneidade da Variância			
Escalas	Estatística	Levene	
		Significância	
EAM	.699	.410	
ENRICH	.344	.562	

4.2. Confiabilidade das Escalas

Com intuito de avaliar as duas escalas já referidas, foi realizado um teste T de Student para amostras independentes que nos mostram que existem diferenças estatisticamente significativas quanto

² Apesar de não serem reportadas na investigação, as análises aos resultados com testes não-paramétricos encontram-se no Anexo 22.

à EAM ($t = -2.19$; $p = .04$) e que o mesmo não acontece quanto ao ENRICH ($t = -.40$; $p = .69$).

Avaliando a confiabilidade da Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) nesta amostra, é utilizado o *alpha* de Cronbach. Neste caso, o $\alpha = .93$. O que, observando os valores propostos por Murphy & Davidsholder (1998 citado em Maroco & Marques, 2006), é considerada a existência de uma fiabilidade elevada ($>.9$). Ao analisar os resultados do *alpha* de Cronbach para cada um dos itens, percebemos que os valores não divergem muito entre si. No entanto, alguns itens estão a influenciar a descida do alfa de Cronbach geral. Assim, se os itens 18 e/ou 19 fossem eliminados, automaticamente o alfa de Cronbach seria mais elevado, ou seja, tornaria a escala ainda mais fiável. Fazendo a mesma análise ao ENRICH, obtemos um *alpha* de Cronbach de .87 para a escala total. Deste modo, a confiabilidade da escala, segundo Murphy & Davidsholder (1988 citado em Maroco & Marques, 2006), é considerada entre moderada e elevada. Os valores do α obtidos em cada item também não divergem muito entre si, porém o valor de *alpha* aumentaria se fossem retirados os itens: 3; 6; 18; 19; 22; 24; 32; 36; 39; 45; 55; 57; 61; 79; 86; 95; 96; 98; 103 e 108.

4.3. Associação entre as variáveis sexo, idade e habilitações literárias e a variável reforma.

Com objetivo de avaliar a associação entre diferentes variáveis e a reforma recorremos ao teste de qui-quadrado (χ^2). Foram avaliadas as relações entre sexo, idade e habilitações literárias em função da fase da reforma (pré ou pós). Sendo que algumas sub-amostras são inferiores a cinco elementos, foi analisada a significância proporcionada pelo teste de Monte Carlo, já que este prevê os resultados para uma população de 10.000 amostras (Fan, Sivo, & Keenan, 2002) (Tabela 5).

Os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas para a variável “reforma” em função do sexo (*cf.* Anexo 4) e da idade (*cf.* Anexo 5), diferenças que não são encontradas para a variável habilitações literárias (*cf.* Anexo 6).

Tabela 5. Qui-quadrado

	Valor do Qui-quadrado de			Sig.
	Pearson	gl.	Sig.	Monte Carlo
Reforma*sexo	6.472	1	.016	-
Reforma*idade	7.938	1	.005	-
Reforma*habilitações literárias	3.087	2	.214	.261

4.4. Comparações entre as dimensões das escalas e a reforma

Com intuito de comparar as diversas dimensões que compõem as duas escalas, aplicadas neste estudo específico, com a variável reforma, recorreremos a testes *t de student*. Desta forma, foi possível concluir que para a escala ENRICH, em nenhuma dimensão existem diferenças estatisticamente significativas entre a pré e a pós-reforma. Contudo, o mesmo não acontece para as dimensões da EAM, em que existem diferenças para a dimensão “coesão mútua” [$t(30) = -2.17$; $p = .04$], para a dimensão “expressão afetiva” [$t(30) = -2.05$; $p = .05$] e para o somatório da EAM total [$t(30) = -2.19$; $p = .04$] (cf. Anexo 7).

A coesão mútua é mais elevada na sub-amostra “pós-reforma” ($M = 18.24$; $DP = 5.345$) que na “pré-reforma” ($M = 14.33$; $DP = 4.716$); A expressão afetiva é também mais elevada na pós-reforma ($M = 9.82$; $DP = 2.60$) do que na pré-reforma ($M = 7.93$; $DP = 2.60$); por fim, para a escala total, o ajustamento mútuo é percebido como superior, ao encontro dos anteriores dados, na fase pós-reforma ($M = 113.59$; $DP = 19.62$) em detrimento da fase pré-reforma ($M = 99.60$; $DP = 15.96$) (cf. Anexo 8).

Os dados indicam que a percepção da coesão mútua e da expressão afetiva é mais elevada depois da reforma, indo ao encontro do total da escala de ajustamento mútuo, em que os resultados são superiores, isto é, os indivíduos percebem como melhor o ajustamento conjugal na fase posterior à reforma.

4.5. Análise multivariada da variância (MANOVA)

A análise multivariada é utilizada quando existe mais do que uma variável dependente em teste, neste caso, as dimensões da EAM,

analisadas em função da variável reforma, sexo, idade e habilitações literárias.

Dos resultados obtidos (Tabela 6), é possível concluir que existem diferenças estatisticamente significativas, na nossa amostra, para a variável reforma [$F(4,25) = 320.53; p = .01$] e para a variável sexo [$F(4,25) = 3.18; p = .03$]. No entanto, na interação das duas variáveis não são encontradas diferenças significativas [$F(4,25) = 1.98; p = .13$] (cf. Anexo 9).

Analisando a dimensão do efeito (ETA quadrado), percebemos a baixa influência que as variáveis proporcionam (Cohen, 1988) (cf. Anexo 9).

Analisando os resultados obtidos no estudo da variável para o sexo, em relação à escala de ajustamento mútuo (EAM), é percebida uma tendência de aumento na percepção das várias dimensões, sendo que o sexo masculino pontua para as quatro dimensões valores mais elevados que o sexo feminino. Isto é, ambos os sexos pontuam mais na percepção das quatro dimensões na pós-reforma do que em pré-reforma, no entanto, os homens pontuam sempre valores mais elevados do que as mulheres (cf. Anexo 10).

Tabela 6. Análise multivariada da variância (MANOVA): reforma e sexo

	F	gl.	gl.erro	Sig.	ETA quadrado
reforma	3.880	4	25	.014	.38
sexo	3.184	4	25	.030	.33
Reforma*sexo	1.980	4	25	.128	.24

Por sua vez, averiguando os resultados para as variáveis reforma e idade (cf. Anexo 11), não são encontradas diferenças estatisticamente significativas para as mesmas, nem para a sua interação, sendo que a dimensão do efeito é também ela baixa (Cohen, 1988) (Tabela 7).

Tabela 7. Análise multivariada da variância (MANOVA): reforma e idade

	F	gl.	gl.erro	Sig.	ETA quadrado
reforma	.689	4	25	.606	.10
idade	.469	4	25	.758	.07
Reforma*idade	2.130	4	25	.107	.25

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

Os resultados da análise multivariada da variância para a reforma e as habilitações literárias (*cf.* Anexo 12) vão no sentido das anteriores e também não são encontradas diferenças estatisticamente significativas. A dimensão do efeito é considerada baixa (Cohen, 1988) (Tabela 8).

Tabela 8. Análise multivariada da variância (MANOVA): reforma e habilitações literárias

	F	gl.	gl.erro	Sig.	ETA quadrado
reforma	.842	4	24	.512	.123
Habilitações literárias	1.400	4	24	.220	.183
Reforma*habilitações literárias	1.026	4	24	.414	.146

4.6. Análise univariada da variância

Para realizar as análises devidas às dimensões do ENRICH recorreremos a uma análise univariada para cada uma das variáveis dependentes, em função das variáveis sexo, reforma, idade e habilitações literárias. Note-se que para analisar as dimensões do ENRICH seria contraproducente utilizar a MANOVA devido ao elevado número de dimensões (12).

Para a dimensão “aspetos da personalidade” (*cf.* Anexo 13) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, no entanto, o valor da interceção entre a reforma e as habilitações literárias [$F(1) = 3.92$; $p = .06$] situa-se próximo do valor convencional para a indicação de existência de diferenças; Para a dimensão “comunicação” existem diferenças em função da fase da reforma em que o sujeito se encontra [$F(1) = 5.60$; $p = .03$] (*cf.* Anexos 14 e 15), sendo que a percepção do funcionamento da comunicação diminui da sub-amostra pré para a pós-reforma; Na dimensão “família e amigos”, existem diferenças para a variável sexo [$F(1) = 4.61$; $p = .04$] (*cf.* Anexo 17) e para a interceção das variáveis reforma e habilitações literárias [$F(1) = 5.51$; $p = .03$] (*cf.* Anexo 18), sendo que quanto à variável sexo, o sexo feminino indica valores mais elevados quanto à percepção do conforto com a influência de família e amigos na relação, diminuindo drasticamente esta percepção para a pós-reforma, enquanto o sexo masculino tem uma percepção desta influência mais baixa em pré-reforma, e torna-se mais confortável

com esta na pós-reforma. Quanto à interação entre a fase da reforma e as habilitações literárias, existe uma descida, na percepção desta influência por parte dos sujeitos com o “ensino superior”, da pré para a pós-reforma. No entanto, o mesmo não é verificado com os sujeitos com o “ensino secundário” em que há uma subida dos *scores* obtidos da pré para a pós-reforma.

Por fim, é ainda encontrado um valor que indica a existência de diferenças estatisticamente significativas quanto à dimensão “igualdade de papéis” para a variável habilitações literárias [$F(2) = 9.03; p = .00$] (*cf.* Anexo 19).

Quanto aos sujeitos com o ensino secundário a percepção da igualdade de papéis tem um aumento ligeiro, da pré para a pós-reforma, porém, os sujeitos com o ensino superior apresentam uma diminuição desta percepção também da pré para a pós-reforma (*cf.* Anexo 20).

4.7. Análise das correlações

Por fim, analisando os r de Pearson, em função das quatro dimensões da EAM e das doze dimensões do ENRICH e investigando as correlações existentes entre as dimensões intra-escala e inter-escala, são observados valores que necessitam de ser referenciados, pela sua validade estatística (*cf.* Anexo 21). Note-se que estas correlações foram analisadas a partir da amostra total.

Segundo Cohen (1988), os valores de correlação a partir de .3 são moderados, sendo esta a referência para as próximas identificações de correlação entre dimensões.

A idealização é positivamente correlacionada com a satisfação ($r = .41, p = .021$), com as atividades de lazer ($r = .53, p = .002$), com a orientação religiosa ($r = .44, p = .011$), com o consenso mútuo ($r = .59, p < .001$), com a satisfação mútua ($r = .67, p < .001$), com a coesão mútua ($r = .60, p < .001$), com a expressão afetiva ($r = .62, p < .001$) e com o total da escala de ajustamento mútuo ($r = .72, p < .001$). Estes resultados indicam que maior grau de idealização está associado a um maior grau de satisfação, concordância com atividades de lazer, orientação religiosa, consenso mútuo, satisfação mútua, coesão mútua, expressão afetiva e com a percepção do ajustamento mútuo; porém, relaciona-se negativamente com os aspetos da personalidade ($r = -.41, p = .02$), o que indica que uma menor idealização associa-se a um menor conforto com os aspetos da personalidade do cônjuge.

A satisfação correlaciona-se positivamente com a comunicação ($r = .41, p = .02$), com a resolução de conflitos ($r = .63, p < .001$), com a gestão financeira ($r = .503, p = .003$), com as atividades de lazer ($r = .68, p < .001$), com as relações sexuais ($r = .67, p < .001$), com a

escala de ENRICH ($r = .70, p < .001$) e com a satisfação mútua ($r = .38, p = .03$), o que nos indica que um maior grau de satisfação está associado a uma melhor comunicação, resolução de conflitos, gestão financeira, concordância em atividades de lazer, conforto com questões relacionadas com as relações sexuais, satisfação mútua e da percepção do funcionamento conjugal.

Os aspetos da personalidade relacionam-se positivamente com a comunicação ($r = .53, p = .002$), com a resolução de conflitos ($r = .55, p < .001$), com a família e amigos ($r = .55, p < .001$) e com o total da escala de ENRICH. Estes resultados mostram que uma maior aceitação dos aspetos de personalidade do parceiro associam-se a uma melhor percepção da comunicação, uma melhor gestão das influências da família e amigos e percepção do funcionamento conjugal. Contudo, esta dimensão correlaciona-se negativamente com a coesão mútua ($r = .53, p = .002$) e com o total da EAM ($r = .39, p = .029$), o que demonstra que um maior desconforto com os aspetos de personalidade do cônjuge está associado a um menor grau de coesão mútua e da percepção do ajustamento mútuo.

A gestão financeira correlaciona-se positivamente com as atividades de lazer ($r = .63, p < .001$), com a igualdade de papéis ($r = .64, p < .001$), com a orientação religiosa ($r = .65, p < .001$) e o total de ENRICH ($r = .72, p < .001$). Estes resultados apontam no sentido de que a concordância em questões de gestão financeira está associada a um maior conformidade relativamente às atividades de lazer, igualdade de papéis, orientação religiosa e percepção do funcionamento conjugal.

As atividades de lazer relacionam-se positivamente com os filhos e casamento ($r = .43, p = .015$), a igualdade de papéis ($r = .41, p < .001$), a orientação religiosa ($r = .50, p = .004$), o total de enrich ($r = .69, p < .001$), a satisfação mútua ($r = .48, p = .006$) e o total da EAM ($r = .38, p = .033$), o que nos mostra que um maior ajustamento dos cônjuges em relação às atividades de lazer pode estar associado a um maior grau de concordância em relação a temáticas como filhos e casamento, de igualdade de papéis, de orientação religiosa, de percepção do ajustamento mútuo e de percepção do funcionamento conjugal. Contudo, relaciona-se negativamente com relações sexuais, o que nos indica que uma menor coesão quanto às atividades de lazer está associada a uma menor satisfação com questões relacionadas com relações sexuais.

A comunicação relaciona-se positivamente com a resolução de conflitos ($r = .72, p < .001$), a família e amigos ($r = .71, p < .001$) e o total de ENRICH ($r = .65, p < .001$), o que mostra que uma melhor comunicação está associada a uma melhor resolução de conflitos, de concordância em temáticas sobre família e amigos e da percepção do funcionamento conjugal. Porém, a comunicação relaciona-se negativamente com o consenso mútuo ($r = .58, p = .002$), a coesão

mútua ($r = .56, p < .001$), com a expressão de afetividade ($r = .50, p = .004$) e com o total da EAM ($r = .52, p = .002$), o que indica que dificuldades a nível da comunicação estão associadas a um menor grau de consenso mútuo, coesão mútua, expressão da afetividade e à percepção do ajustamento mútuo.

A resolução de conflitos relaciona-se positivamente com a gestão financeira ($r = .43, p = .01$), com as atividades de lazer ($r = .52, p = .003$), as relações sexuais ($r = .47, p = .007$), os filhos e casamento ($r = .35, p = .047$), a família e os amigos ($r = .58, p < .001$), igualdade de papéis ($r = .36, p = .044$) e o total do ENRICH ($r = .80, p < .001$). Desta forma, relativamente à nossa amostra, estamos em condições de assegurar que uma melhor resolução de conflitos está associada a uma melhor gestão financeira, uma superior coesão em relação às atividades de lazer, um maior conforto com questões relacionadas com as relações sexuais, com a igualdade de papéis e funcionamento conjugal, com questões sobre os filhos, sobre o casamento e com questões sobre a família e amigos.

As relações sexuais estão positivamente relacionadas com o total de ENRICH ($r = .51, p = .003$), o que mostra que uma maior concordância nas questões da primeira está associada a um melhor ajustamento com questões do funcionamento conjugal.

Os resultados relativos a filhos e casamento relacionam-se positivamente com os relativos a família e amigos ($r = .47, p = .006$), com os da orientação religiosa ($r = .41, p = .019$) e do total de ENRICH ($r = .54, p < .001$), o que mostra que uma maior concordância em relação a temáticas relacionadas com filhos e com o casamento está associada a uma maior coesão em questões relacionadas com a família e amigos, com a orientação religiosa e com a percepção do funcionamento conjugal.

A família e amigos é correlacionada positivamente com a igualdade de papéis ($r = .37, p = .037$) e com o total de ENRICH ($r = .66, p < .001$), o que indica que uma maior conformidade em questões sobre a família e amigos está associada a um maior percepção de igualdade de papéis e percepção do funcionamento conjugal.

A igualdade de papéis correlaciona-se positivamente com a orientação religiosa ($r = .66, p < .001$) e com o total de ENRICH ($r = .69, p < .001$), o que permite afirmar que um maior percepção dos papéis familiares como iguais, está associado a uma maior harmonia no que diz respeito a questões de ordem religiosa e percepção do funcionamento conjugal.

A orientação religiosa correlaciona-se positivamente com o total de ENRICH ($r = .65, p < .001$) e com a satisfação mútua ($r = .39, p = .027$), assim, um maior concordância em termos de orientação religiosa associa-se a uma melhor percepção do funcionamento da conjugalidade e da satisfação mútua.

O consenso mútuo, por sua vez, correlaciona-se positivamente

com a satisfação mútua ($r = .50, p = .003$), com a coesão mútua ($r = .68, p < .001$), com a expressão afetiva ($r = .69, p < .001$) e o total da EAM ($r = .92, p < .001$). Assim, um maior grau de consenso mútuo implica um maior grau de satisfação mútua, da coesão mútua, da expressão afetiva e da percepção do ajustamento mútuo.

A satisfação conjugal relaciona-se positivamente com a coesão mútua ($r = .40, p = .004$), com a expressão afetiva ($r = .58, p < .001$), e o total da EAM ($r = .72, p < .001$), o que permite inferenciar que um maior grau de satisfação conjugal está associado a um maior grau de coesão mútua, uma melhor expressão afetiva e melhor percepção do ajustamento mútuo.

A coesão mútua relaciona-se positivamente com a expressão afetiva ($r = .77, p < .001$) e com o total da EAM ($r = .85, p < .001$), o que mostra que um maior grau de coesão mútua se associa com um maior grau de expressão afetiva e de percepção do ajustamento mútuo.

Por fim, a expressão afetiva relaciona-se positivamente com a escala de ajustamento mútuo (EAM) ($r = .85, p < .001$), o que demonstra que uma melhor expressão afetiva está associada a um melhor percepção do ajustamento mútuo.

V - Discussão

Partindo do pressuposto de que o envelhecimento da população é uma verdade inegável e que as fases do ciclo vital são fulcrais no estudo do desenvolvimento pessoal, social e profissional, é premente estudar as crises normativas que permitem que os indivíduos evoluam no seu ciclo vital. Assim, o estudo da etapa da reforma, como já referido no enquadramento deste trabalho, é essencial para a reflexão científica sobre as fases mais tardias de vida. Com o intuito de conhecer melhor esta etapa, esta investigação empírica tem como principal finalidade avaliar as percepções da conjugalidade, atendendo para tal a características específicas: indivíduos em pré-reforma (indivíduos que se reformarão até daqui a cinco anos) e em pós-reforma (reformados há cinco ou menos anos).

Este ponto, tendo por base os nossos objetivos gerais e específicos, é dedicado à análise, interpretação e discussão dos resultados descritos no ponto anterior.

Há mais de trinta anos, Medley (1977) defendia existirem duas grandes conclusões a que os investigadores nesta área chegam. A primeira é que há uma contínua diminuição da qualidade conjugal logo depois dos primeiros anos das etapas do ciclo vital da família, sendo que após a formação do casal, há um declínio contínuo e constante; a segunda é que esta descida na qualidade conjugal, de

facto, acontece após a primeira etapa do ciclo vital, no entanto, é pautada por um aumento da qualidade nos anos após a reforma.

5.1. Existem diferenças de género, de idade e formação para a variável reforma?

Os principais resultados obtidos neste estudo demonstram que não existem diferenças estatisticamente significativas em função da fase da reforma (pré ou pós-reforma) quanto às variáveis sexo, idade e habilitações literárias e que a dimensão do efeito destas é baixa. A influência das mesmas no ajustamento e funcionamento conjugal não atinge os valores convencionais de significância.

Porém, numa análise minuciosa (MANOVA) em função do sexo, são percebidas diferenças entre sexos quanto às diversas dimensões da EAM (*cf.* Anexo 10). Desta forma, são percebidos valores mais elevados no sexo masculino nas quatro dimensões da EAM, enquanto o sexo feminino pontua valores mais baixos. Em função da fase da reforma também se verifica que existe, para todas as dimensões, um aumento, tanto no sexo masculino como no feminino, da fase em pré-reforma para a fase em pós-reforma, o que pode significar uma melhoria na percepção do ajustamento mútuo.

5.2. Existem diferenças entre a variável reforma nas dimensões da EAM e do ENRICH?

Os resultados obtidos demonstram diferenças estatisticamente significativas para o ajustamento mútuo na dimensão coesão mútua, expressão afetiva e o total da escala EAM. Deste modo, é possível afirmar que a reforma afeta a forma de perceber o ajustamento mútuo e a conjugalidade.

Dos dados ressaltam diferenças ao nível da fase da reforma para as três dimensões, isto é, tanto na coesão mútua, como na expressão afetiva e no total da escala EAM, os valores são superiores no pós-reforma. O que nos indica, quanto à nossa amostra, que, de facto, a conjugalidade é influenciada positivamente pela variável reforma.

Os frutos desta investigação vão ao encontro de outros estudos

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

que indicam o impacto da aposentação no ciclo evolutivo do casal e no sistema familiar em geral.

Brubaker (1990) considera que a fase de aposentação é acompanhada por uma outra fase: a *lua-de-mel*. Em que os cônjuges, muitas das vezes, acreditam que a relação conjugal sairá beneficiada com esta etapa, já que há mais tempo para a perseguição de sonhos e que serão mais felizes. Este autor mostra-nos ainda que, apesar desta fase de *fusão*, o casal volta a padrões de interação passados existentes na fase ativa.

5.3. Existem diferenças de género nas dimensões do ENRICH?

Os resultados apontam para a existência de algumas diferenças de género nas diversas dimensões do ENRICH, como é o caso da comunicação, em que o sexo masculino apresenta valores mais baixos na satisfação comunicacional conjugal em relação ao sexo feminino, tanto na fase antes como na fase depois da reforma. Porém há uma aproximação das duas, mesmo que não muito acentuada, na fase pós-reforma; e da dimensão família e amigos, em que os dados entre géneros são díspares, principalmente na fase em pré-reforma, em que o sexo feminino reporta conforto nas relações do casal com terceiras partes (família e amigos) e o sexo masculino reporta desacordo conjugal entre estas mesmas relações, podendo ser uma área de conflito. Na fase de pós-reforma os dois géneros aproximam-se, percecionando estas relações de forma mais homogênea, sendo que para o sexo feminino há um aumento do desconforto com estas relações e para o sexo masculino uma diminuição deste desconforto para a fase pós-reforma. O que vai ao encontro de algumas investigações anteriores que descrevem esta fase com um aumento da qualidade e satisfação conjugal percebida (*cf.* Moen, Kim, & Hofmeister, 2001), dando mais ênfase e importância ao que concerne à casa e família (Kulik, 1999).

Karpel (1994) afirma existirem quatro áreas em que os géneros diferem: diferenças na educação, diferenças na possibilidade económica e poder, na sexualidade e no consenso na natalidade de filhos e na parentalidade. Os meninos são educados para ser mais “físicos” e as meninas para ser mais “dependentes” (McGoldrick, citado em Karpel, 1994); Os homens são ensinados que devem ser o “ganha-pão” da família, obtendo um estatuto mais poderoso que o da mulher no seio familiar (Karpel, 1994); é também ensinado aos homens que devem ser eles a ter controlo sobre a sexualidade e a forma como é gerida, sendo que a mulher deveria apenas submeter-se e nunca demonstrar que tem esse desejo (Krapel, 1994); o homem, mais uma vez, é ensinado a não sacrificar o seu trabalho em

detrimento da família ou outros assuntos que possam ser considerados importantes, indo ao encontro da ideia de ser “o ganha-pão” (Krapel, 1994). No entanto, é um facto que a sociedade está a mudar, existindo uma cada vez maior confusão de papéis, sendo que estes estereótipos estão a ser desmistificados e a mulher está progressivamente a ter um papel mais preponderante e simétrico ao do homem na sociedade e na conjugalidade (Krapel, 1994).

De um modo geral, para as restantes dimensões é de salientar que, quanto à igualdade de papéis, os valores entre os géneros são muito semelhantes, sendo que é percecionada uma diminuição da visão tradicional da gestão dos papéis entre géneros; quanto à orientação religiosa os dados são contrários entre géneros, sendo que em pré-reforma o sexo masculino percebe a religião como menos influente na relação conjugal e no casamento, aumentando o seu valor, para o sexo masculino, na fase do pós-reforma. Quanto ao sexo feminino, acontece precisamente o oposto: antes a religião mostra ser fulcral no casamento, porém, estes dados invertem-se na fase posterior à reforma, em que as mulheres percebem a religião com menos impacto na visão da conjugalidade.

Quanto à idealização, satisfação conjugal, atividades de lazer, gestão financeira e relações sexuais, é percecionado para os dois géneros um aumento da fase em pré para a fase em pós-reforma, sendo que a reforma poderá significar um marco de maior idealização, satisfação com a conjugalidade em geral, uma maior concordância em termos das atividades de lazer, em termos de consenso, compatibilidade e flexibilidade entre o casal, uma maior concordância entre o casal da gestão financeira e satisfação perante esta mesma gestão e, por fim, um aumento da satisfação com a expressão de afeto e gestão das relações sexuais no casal.

O facto da idealização, muito pautada na fase de namoro – fase de mitos e do “felizes para sempre...” –, aumentar após a reforma poderá dever-se ao facto de coincidir com a saída dos filhos de casa, voltando o casal a estar de novo só, proporcionando momentos de novo “namoro” (Relvas, 2006). O mesmo é defendido por Medley (1977) que identifica esta fase pela que se segue à educação dos filhos, na qual a conjugalidade parece ter menor importância. Porém, com a educação “finalizada” e a autonomia destes alcançada, o casal “deixa de ter a educação dos filhos como fuga e não tem desculpa para não voltar à relação”. Mitchell e Lovegreen (2009) numa investigação mais recente reportam que a satisfação conjugal aumenta após os filhos saírem de casa e que a maioria dos pais não sente a etapa do “empty nest” como ameaçadora, afirmando que as experiências culturais e sociodemográficas predizem muitas das diferenças encontradas nesta etapa.

5.4. Quais os resultados que predizem um melhor ajustamento mútuo (EAM) e um melhor funcionamento conjugal (ENRICH)?

Dos resultados obtidos é percebida uma maior satisfação com a relação conjugal quando a comunicação é também ela prazerosa, assim como quando a resolução de conflitos é gerida de forma eficaz e confortável para ambos os elementos do casal. Esta satisfação com a relação também parece estar muito relacionada com a gestão e compatibilidade do casal em ocupar os seus tempos livres, assim como a concordância e consenso quanto à forma de expressar afetos e sentimentos e a gestão da vida sexual entre os parceiros.

Todo o indivíduo faz parte de outros sistemas em que de uma forma ou de outra se insere e a comunicação é uma forma de interação à qual é impossível fugir. Como nos dizem os autores pioneiros da pragmática da comunicação humana, é impossível não comunicar (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1993). Uma comunicação mais efetiva e menos paradoxal funciona como impulsionador de uma maior satisfação percebida pelo casal. Deste modo, o funcionamento conjugal está relacionado com a clareza comunicacional, isto é, das mensagens e interação (Walsh, 2002). Quando existe, num casal, o pensamento de que se conhece o outro na totalidade, a comunicação poderá ser inibida, o que poderá levar a problemas nas interações comunicacionais do casal, levando, por vezes, à não conversação sobre a relação, a intimidade e a conjugalidade (Lourenço, 2006).

A avaliação dos aspetos da personalidade do parceiro íntimo, assim como a satisfação ou insatisfação com os mesmos, está muito associada com a comunicação do casal, com a forma como os conflitos são resolvidos e geridos na relação conjugal e com o acordo ou desacordo em relação às terceiras partes que podem influenciar o subsistema conjugal. Como afirma Gameiro (2002, p.47), “a culpa é sempre do outro e qualquer solução está na mudança do outro”, o que vai ao encontro da temática do *sentir-se confortável com o outro*, muitas vezes associada a uma maior satisfação com a relação.

A forma como a parte financeira da relação é gerida tem muita influência na forma como é orientada a definição de papéis no casal, sendo que a partilha e igualdade de papéis é associada a uma maior satisfação com a gestão financeira. O mesmo é verificado quanto à compatibilidade, flexibilidade e consenso com as atividades de lazer, isto é, casais com maior consenso em relação à ocupação dos tempos livres, estão mais satisfeitos com a forma como as suas finanças são geridas, podendo este dado ser compreendido pela forma como o

dinheiro é gasto em atividades prazerosas para ambos. Ainda quanto à igualdade de papéis é percebida uma associação com a orientação religiosa, que nos indica que os casais que consideram a religião como essencial ao casamento e com uma visão mais tradicional desta, também demonstram mais conforto com a partilha de funções e papéis no subsistema conjugal.

Quando o casal concorda com a forma como a gestão financeira está a ser feita e tem complementariedade no que diz respeito ao que fazer juntos nos tempos livres, a fase da reforma parece ser a ideal para a concretização de sonhos, mas para os quais é, muitas vezes, necessária disponibilidade financeira e gestão da mesma, de modo a que os objetivos sejam alcançados (Relvas, 2006).

A igualdade e a partilha de papéis no casal são preditores de uma maior coesão e satisfação conjugal, sendo que quando existe dominância por parte de um elemento em relação ao outro elemento, a percepção da conjugal é mais insatisfatória (Walsh, 2002).

A satisfação com a comunicação no subsistema conjugal e a metacomunicação eficaz permitem uma associação com a forma como os conflitos são resolvidos e o conforto com esta resolução de problemas. Isto é, casais com uma comunicação mais eficaz estão mais satisfeitos com a forma como a resolução de problemas no casamento é feita.

A eficácia na resolução dos conflitos existentes na vida conjugal associa-se à forma como a gestão financeira é elaborada e também com a forma como a influência da família e amigos afeta a relação do casal. Assim, o casal percebe como mais eficaz a resolução de problemas quando existe concordância nos assuntos relacionados com as finanças familiares e quando percebem as relações com os outros de forma consensual e confortável. Esta eficácia da resolução dos problemas também é mais segura quando o casal percebe de forma consensual a expressão afetiva dentro deste subsistema.

Como afirma Walsh (2002, p.23) “a grande diferença dos casais que dão certo e dos casais que não dão certo não é a presença ou ausência de problemas, mas a sua capacidade de enfrentar e resolver as dificuldades que surgem no curso de vida a dois”.

A influência de outros elementos externos ao casal é uma temática importante na satisfação e resolução de conflitos já que o casal tem de conseguir gerir e condicionar a presença dos outros em determinadas áreas. É o caso das famílias de origem, que influenciam muitas áreas da vida do casal como: a escolha do parceiro, a educação dos filhos, a gestão da vida a dois, entre outras inúmeras áreas (Loriedo & Strom, 2002).

O funcionamento conjugal, em todas as suas dimensões, é associado a sentimentos mais positivos em relação à gestão da vida sexual e concordância neste campo sendo, por isso, uma temática importante na vida íntima conjugal.

A concordância e a satisfação com a forma como os sentimentos são partilhados, e como os elementos do casal se envolvem intimamente, é um preditor de satisfação, dado que o contrário leva a sentimentos de frustração e distanciamento íntimo (Nabarro & Ivanir, 2002).

Os nossos resultados demonstram, ainda, que o consenso, isto é, a concordância entre o casal, é fortemente associado à satisfação com a expressão afetiva intra-conjugal, com a satisfação conjugal no geral e com o ajustamento mútuo do casal. Por sua vez, a satisfação mútua é tanto maior quanto maior for a satisfação quanto à forma de exprimir afetos e quanto à intimidade, o que é compatível com a forma como é percebido o ajustamento mútuo no geral entre o casal.

Por fim, o casal percebe-se como mais unido e coeso quando o ajustamento mútuo é adequado e quando os cônjuges se sentem satisfeitos com a expressão de afetos. Quanto mais tempo se passa com uma pessoa, melhor é o conhecimento sobre ela e há uma maior probabilidade da existência de conflitos. Porém, nas relações conjugais o trabalho mútuo fornece ferramentas para que a resolução de conflitos seja eficaz e para que o casal se sinta satisfeito (Olson & DeFrain, 2003).

Deste modo, o funcionamento e ajustamento conjugal muito têm que ver com a capacidade de cada cônjugese conseguir adaptar ao outro, o que pressupõe um trabalho conjunto na resolução de problemas e uma partilha de intimidade própria da conjugalidade (Baucom & Atkins, 2013).

VI - Conclusões

Recordamos, nesta fase final da nossa dissertação, o principal objetivo da mesma: estudo da influência e impacto da reforma (pré e pós) na peceção da conjugalidade, tendo em conta que quando nos referimos a conjugalidade, estamos a falar do ajustamento e do funcionamento da mesma.

Os resultados obtidos permitem, de forma amostral, traçar leituras compreensivas acerca da perceção da conjugalidade de sujeitos em pré ou pós-reforma.

As principais conclusões a que chegámos são que a idade e o género dos indivíduos provocam influências na perceção da conjugalidade em função da fase da reforma. Foi percebida uma maior coesão e expressão afetiva na fase em pós-reforma, demonstrando assim que, na nossa amostra, a perceção da conjugalidade é melhor na fase posterior à reforma. Estes dados vão ao encontro dos dados encontrados quanto à escala de ajustamento mútuo total, em que as mesmas conclusões são obtidas. Ainda quanto à escala de ajustamento mútuo, são percebidos aumentos para as suas quatro dimensões para

os dois géneros, sendo congruentes no aumento e melhoria da percepção do ajustamento mútuo, da pré para a pós-reforma.

Quanto às dimensões avaliadas pelo ENRICH, concluímos que: a percepção de boa comunicação diminui da fase pré para a pós-reforma; na fase anterior à reforma os sujeitos do sexo feminino percebem a influência da família e amigos, na sua relação conjugal, de forma mais confortável, no entanto esta percepção de conforto diminui na fase posterior à reforma; no grupo do sexo masculino acontece precisamente o oposto: o conforto aumenta da fase anterior para a posterior da reforma; Quando analisamos estes mesmos resultados quanto à variável habilitações literárias verificamos uma descida do conforto com a influência dos outros na relação conjugal quanto a indivíduos com o ensino superior, antagonicamente aos indivíduos com o ensino secundário, em que os dados sofrem uma subida da pré para a pós-reforma, sentido-se, assim, mais confortáveis com o impacto e influência de família e amigos na sua relação marital; Nesta investigação chegamos ainda à conclusão de que a percepção da igualdade de papéis, isto é, as percepções de simetria homem-mulher, aumentam da pré para a pós-reforma em sujeitos com o ensino secundário. No entanto, o mesmo não é verificado para sujeitos com o ensino superior, em que é de salientar uma descida na percepção dos papéis como iguais da fase anterior à reforma para a posterior.

Este, como já referido, é um tema complexo, não-linear e relativamente recente. Urge a fundamental investigação na área. É de salientar que apesar dos vários estudos já existentes, verifica-se alguma discordância nos resultados encontrados.

Apontamos alguns pontos que nos inquietam, como a dimensão da nossa amostra (N=32), que, mesmo que estatisticamente considerada grande, é um número pequeno. Sendo, portanto, necessária alguma prudência na generalização dos resultados obtidos na investigação.

Outra questão importante é refletir sobre o questionário sócio-demográfico utilizado neste estudo, construído para o estudo de muitas áreas, etapas e fases da conjugalidade. Apesar de ter sido adaptado, percebemos a pertinência de algumas questões sobre a reforma que não foram tidas em conta, como por exemplo, a informação sobre questões relativas à vida ativa/aposentação do cônjuge do respondente. Será um aspeto fundamental a ter em atenção em futuras investigações.

Acreditamos, sem dúvida, que o estudo desta área é uma estrada com um fim longínquo. Porém, acreditamos que todas as investigações são o percorrer de mais uns quilómetros dessa estrada.

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Beauvior, S. (1970). *O segundo sexo: factos e mitos*. (4ed.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Burnay, R. M. P. P. (2011). *Um estudo exploratório sobre mulheres profissionalizadas na sociedade portuguesa* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade Nova, Lisboa, Portugal.
- Cabral, M. V. (org.). (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (ed.). New York: Academic Press.
- Baucom, B. R., & Atkins, D. C. (2013). Understanding marital distress: polarization process. In M. A. Fine, & F. D. Fincham (eds.), *Handbook of family theories: a content-based approach*. Nova Iorque: Routledge.
- Brubaker, T. (1990). Families in later life: A burgeoning research area. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 959-982.
- Diário da República (2014). Retirado em 26 de Junho de 2014 de: <http://dre.pt/pdf1s/2013/12/25303/0036400369.pdf>
- Dias, I., & Rodrigues, E. V. (2012). Demografia e sociologia do envelhecimento. In C. Paúl, & O. Ribeiro (org.) *Manual de Gerontologia: Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Fan, X., Sivo, S., & Keenan S. (2002). *SAS for Monte Carlo Studies: A Guide for Quantitative Researchers*. (e-Livro Google). SAS Institute.
- Fonseca, A. M. (2006). *O envelhecimento: uma abordagem psicológica*. (2ed.) Lisboa: Campus do saber.
- Fonseca, A. M. (2011). *Reforma e reformados*. Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A. M. (2012). Do trabalho à reforma: quando os dias parecem mais longos. *Revista da faculdade de letras da universidade do Porto*. (número temático) Envelhecimento demográfico, 75-95.
- Gameiro, J. (2002) Terapia de casal. *Psychologica*, 31, 43-48.
- INE. (2010). Classificação portuguesa de profissões. Retirado a 20 Junho de 2014 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2
- INE. (2011). *Dados estatísticos*. Retirado a 24 de Janeiro de 2014 de: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006041&selTab=tab10

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

- Jordan, J. (2005). The quest for wisdom in adulthood. In R. J. Sternberg, & J. Jordan (eds.). *The handbook of wisdom*. Cambridge: University press.
- Karpel, M. A. (1994). *Evaluating couples: a handbook for practitioners*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.
- Kim, J. E. & Moen, P. (2002). Retirement transitions, gender, and psychological well-being: A life course, ecological model. *The Journals of Gerontology*, 57, 3.
- Kulik, L. (1999). Continuity and discontinuity in marital life after retirement: life orientations, gender role, ideology, intimacy, and satisfaction. *Families in Society*, 80, 3.
- Lopes, A., & Gonçalves, C. M. (2012). Envelhecimento ativo e dinâmicas sociais contemporâneas. In C. Paúl & O. Ribeiro (org.) *Manual de Gerontologia: Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Loriedo, C., & Strom, P. (2002). Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In M. Andolfi (org.), *A crise do casal: uma perspectiva sistémico-relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Loureiro, H. M. A. M. (2011a). *Cuidar na entrada na reforma: uma intervenção conducente à promoção da saúde de indivíduos e de famílias* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Loureiro, H. M. A. M. (2011b). *REATIVA: um programa promotor de um envelhecimento ativo*. Retirado em 16 de Junho de 2014 de: http://www.esenfc.pt/event/event/abstracts/exportAbstractPDF.php?id_abstract=5205&id_event=126
- Lourenço, M. M. C. (2006). *Casal: conjugalidade e ciclo evolutivo*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Maroco, J. (2007) *Análise estatística: com o SPSS statistics*. (5ed.). Lisboa: Sílabo.
- Maroco, J. & Marques T. G. (2006). *Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?*. Retirado em 7 de Julho de 2014 de: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204\(1\)%20-%2065-90.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204(1)%20-%2065-90.pdf)
- Medley, M. L. (1977). Marital adjustment in the post-retirement years. *The Family Coordinator*: 2001; 26, 1.
- Mitchell, B. A., & Lovegreen, L. D. (2009). The empty nest syndrome in midlife families: a multimethod exploration of parental gender differences and cultural Dynamics. *Journal of family issues*: 2009; 30, 1651. doi: 10.1177/0192513X09339020
- Moen, P., Kim, J. E., & Hofmeister, H. (2001). Couples' work/retirement

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

- transitions, gender, and marital quality. *Social Psychology Quarterly*, 64, 1, 55-71.
- Nabarro, N. R., & Ivanir, S. (2002). A terapia dos casais de meia-idade em crise devido a uma relação extraconjugal. In M. Andolfi (org.), *A crise do casal: uma perspectiva sistémico-relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de ler.
- Neto, A. M. S. (2012). A educação para a reforma: Por um envelhecimento ativo e bem-sucedido. Em E. Santos (org.). *Transição para a reforma/aposentação. Contributos para a adaptação*. Viseu: Psicosoma.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2004). *Family Therapy: Concepts and methods*. Retirado em 23 de Janeiro de 2014 de: https://moodle.umons.ac.be/pluginfile.php/40922/mod_resource/content/1/Minuchin%20-%20compl%C3%A9ment.pdf
- Olson, D. H., & DeFrain, J. (2003). *Marriages and families: intimacy, diversity, and strengths*. (4ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Pires, A. S. R. (2008). *Estudo da conjugalidade e da parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental*. Retirado em 2 de Junho de 2014 de: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/820/1/20978_ulsd056139_tm.pdf.
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. (4ed.) Porto: Afrontamento.
- Sousa, L.; Patrão, M., & Vicente, H. (2012). Famílias e envelhecimento: o último estado do ciclo de vida. In C. Paúl, & O. Ribeiro (org.) *Manual de Gerontologia: Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Ribeiro, O. (2012). Género e envelhecimento. In C. Paúl, & O. Ribeiro (org.) *Manual de Gerontologia: Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (2005). *Terapia Familiar*. (6ed.). Porto: Afrontamento.
- Satir, V. (1995). *Thérapie du couple et de la famille*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Simões, A. (2006). Aposentação: um espaço de desenvolvimento pessoal. Em A. Simões (ed.). *A nova velhice: Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Sousa, L. (2006). *Envelhecer em família: Os cuidados familiares na velhice*. (2ed). Porto: Ambar.
- Walker, R., Luszcz, M.; Gerstorf, D., & Hoppman, C. (2010). Subjective well being Dynamics in couples from the Australian longitudinal study of aging. *Gerontology*: 2011; 57; 153-160. doi: 10.1159/000318633
- Walsh, F. (1995). A família no Estágio Tardio da vida. Em B. Carter, & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura*

(Re)Visitando a Conjugalidade – Impacto da Aposentação.

Ana Catarina Silva Marques (e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com) 2014

- para a terapia familiar*. (pp. 269-284). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Walsh, F. (2002). Casais saudáveis e casais disfuncionais: Qual a diferença?. Em M. Andolfi (org.), *A crise do casal: uma perspectiva sistémico-relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Watzlawick, P.; Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1993). *A pragmática da comunicação humana*. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. (9ed). São Paulo: Cultrix.
- Whitbourne, S. K. (2000). The normal aging process. Em S. K. Whistbourn & S. Krauss (Eds.). *Psychopathology in later adulthood*. New York: Wiley.
- Zappalà, S., Depolo, M., Fraccaroli, F., Guglielmi, D., & Sarchielli, G. (2008). Early retirement as withdrawal behavior: Postponing job retirement? Psychosocial influences on the preference for early or late retirement. *Career Development International*, 13, 2 (pp. 150-167). doi: 10.1108/13620430810860558



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

(Re)Visitando a Conjugalidade: Impacto da Reforma

Ana Catarina Silva Marques
(e-mail: anacatarinasilva.marques@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, **sub-área de especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Maria Madalena de Carvalho.**

ANEXOS

Índice

Anexo 1: Testes à normalidade amostral.....	38
Anexo 2: Teste à homogeneidade amostral: Total da EAM	38
Anexo 3: Testes à homogeneidade amostral: Total do ENRICH	38
Anexo 4.: Qui-quadrado quanto às variáveis reforma e sexo	39
Anexo 5: Qui-quadrado quanto às variáveis reforma e idade	39
Anexo 6: Qui-quadrado quanto às variáveis reforma e habilitações literárias	40
Anexo 7: Teste t para amostras independentes (dimensões de EAM e ENRICH)	41
Anexo 8: Estatísticas descritivas	42
Anexo 9: Teste multivariado – variáveis: reforma, sexo e respetiva interceção	43
Anexo 10: Gráficos representativos das quatro dimensões da EAM quanto ao sexo e reforma	44
Anexo 11: Teste multivariado – variáveis: reforma, idade e respetiva interceção ..	46
Anexo 12: Teste multivariado – variáveis: reforma, habilitações literárias e respetiva interceção	47
Anexo 13: Análise univariada: Aspetos da personalidade	48
Anexo 14: Análise univariada: Comunicação	49
Anexo 15: Gráfico da análise univariada: Comunicação em função do sexo e reforma.....	49
Anexo 16: Análise univariada: Família e amigos	50
Anexo 17: Gráfico da análise univariada: Família e amigos em função da reforma e sexo	50
Anexo 18: Gráfico da análise univariada: Família e amigos em função da reforma e habilitações literárias	51
Anexo 19: Análise univariada: Igualdade de papéis	51
Anexo 20: Gráfico da análise univariada: Igualdade de papéis em função da reforma e habilitações literárias	52
Anexo 21: Correlações intra e inter-dimensões das duas escalas: EAM e ENRICH ..	52
Anexo 22: Testes não paramétricos	68
Anexo 23: Consentimento informado.....	73
Anexo 24: Questionário sociodemográfico.....	74

Anexo 1: Testes à normalidade amostral.

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
total enrich	,142	32	,098	,940	32	,076
total eam	,074	32	,200*	,964	32	,349

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Anexo 2: Teste à homogeneidade amostral: Total da EAM.

Test of Homogeneity of Variances

total eam

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,699	1	30	,410

Anexo 3: Teste à homogeneidade amostral: Total do ENRICH.

Test of Homogeneity of Variances

total enrich

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,344	1	30	,562

Anexo 4.: Qui-quadrado quanto às variáveis reforma e sexo.

Crosstab

Count

		reforma		Total
		pré-reforma	pós-reforma	
sexo	feminino	3	11	14
	masculino	12	6	18
Total		15	17	32

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	6,472 ^a	1	,011	,016	
Continuity Correction ^b	4,783	1	,029		
Likelihood Ratio	6,774	1	,009	,016	
Fisher's Exact Test				,016	
Linear-by-Linear Association	6,269 ^d	1	,012	,016	,012
N of Valid Cases	32				

Anexo 5: Qui-quadrado quanto às variáveis reforma e idade:

Crosstab

Count

		reforma		Total
		pré-reforma	pós-reforma	
idade em intervalos curtos	40-59	10	3	13
	60-70	5	14	19
Total		15	17	32

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	7,938 ^a	1	,005	,010	
Continuity Correction ^b	6,036	1	,014		
Likelihood Ratio	8,290	1	,004	,010	
Fisher's Exact Test				,010	
Linear-by-Linear Association	7,690 ^d	1	,006	,010	,006
N of Valid Cases	32				

Anexo 6: Qui-quadrado quanto às variáveis reforma e habilitações literárias:

Crosstab

Count

		reforma		Total
		pré-reforma	pós-reforma	
habil lit	ensino básico	0	2	2
	ensino secundário	9	6	15
	ensino superior	6	9	15
Total		15	17	32

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)
				SIG.
Pearson Chi-Square	3,087 ^a	2	,214	.261
Likelihood Ratio	3,856	2	,145	.261
Fisher's Exact Test	2,696			
Linear-by-Linear Association	,003 ^c	1	,957	.261
N of Valid Cases	32			

Anexo 7: Teste t para amostras independentes (dimensões de EAM e ENRICH)

		Levene's Test for Equality of		Teste T		
		Variances		t	df	Sig. (2-tailed)
		F	Sig.			
idealizacao	Equal variances assumed	1,361	,253	-,850	30	,402
satisfacao	Equal variances assumed	,251	,620	-,572	30	,572
aspetos personalidade	Equal variances assumed	2,483	,126	-,580	30	,566
comunicacao	Equal variances assumed	,065	,800	1,220	30	,232
resolucao conflitos	Equal variances assumed	1,511	,229	-,285	30	,778
gestao financeira	Equal variances assumed	,001	,972	-,966	30	,342
atividades lazer	Equal variances assumed	,013	,911	-,890	30	,380
relacoes sexuais	Equal variances assumed	,058	,811	,750	30	,459
filhos casamento	Equal variances assumed	3,419	,074	,168	30	,868
familia amigos	Equal variances assumed	1,939	,174	-,146	30	,885
igualdade papeis	Equal variances assumed	4,015	,054	,197	30	,845
orientacao religiosa	Equal variances assumed	3,644	,066	-,940	30	,355
total enrich	Equal variances assumed	,344	,562	-,401	30	,691
	Equal variances assumed	5,944	,021	-1,805	30	,081
soma cons mut	Equal variances not assumed			-1,855	27,461	,074
soma satisf mut	Equal variances assumed	2,173	,151	-1,386	30	,176
soma coesao mut	Equal variances assumed	,414	,525	-2,176	30	,038
soma express afet	Equal variances assumed	,104	,749	-2,049	30	,049
total eam	Equal variances assumed	,699	,410	-2,193	30	,036

Anexo 8: Estatísticas descritivas.

Group Statistics					
	reforma	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
idealizacao	pré-reforma	15	15,73	4,367	1,127
	pós-reforma	17	16,88	3,257	,790
satisfacao	pré-reforma	15	28,07	3,411	,881
	pós-reforma	17	28,71	2,910	,706
aspetos personalidade	pré-reforma	15	27,13	7,615	1,966
	pós-reforma	17	29,24	12,065	2,926
comunicacao	pré-reforma	15	29,20	5,102	1,317
	pós-reforma	17	27,12	4,554	1,104
resolucao conflitos	pré-reforma	15	26,27	3,240	,836
	pós-reforma	17	26,65	4,182	1,014
gestao financeira	pré-reforma	15	24,07	4,317	1,115
	pós-reforma	17	25,41	3,554	,862
atividades lazer	pré-reforma	15	25,93	4,574	1,181
	pós-reforma	17	27,29	4,074	,988
relacoes sexuais	pré-reforma	15	32,13	4,912	1,268
	pós-reforma	17	30,88	4,526	1,098
filhos casamento	pré-reforma	15	26,00	4,781	1,234
	pós-reforma	17	25,76	3,052	,740
familia amigos	pré-reforma	15	23,53	4,068	1,050
	pós-reforma	17	23,71	2,519	,611
igualdade papeis	pré-reforma	15	21,27	5,257	1,357
	pós-reforma	17	20,82	7,152	1,735
orientacao religiosa	pré-reforma	15	22,67	6,821	1,761
	pós-reforma	17	24,53	4,244	1,029
total enrich	pré-reforma	15	302,00	35,102	9,063
	pós-reforma	17	307,00	35,332	8,569
soma cons mut	pré-reforma	15	45,73	6,861	1,771
	pós-reforma	17	51,59	10,771	2,612
soma satisf mut	pré-reforma	15	31,60	5,877	1,518
	pós-reforma	17	33,94	3,526	,855
soma coesao mut	pré-reforma	15	14,33	4,716	1,218
	pós-reforma	17	18,24	5,345	1,296
soma express afet	pré-reforma	15	7,93	2,604	,672
	pós-reforma	17	9,82	2,604	,631
total eam	pré-reforma	15	99,60	15,963	4,122
	pós-reforma	17	113,59	19,622	4,759

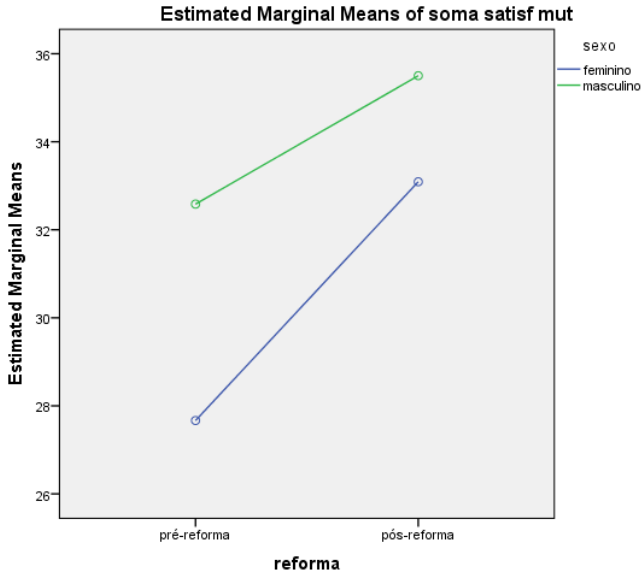
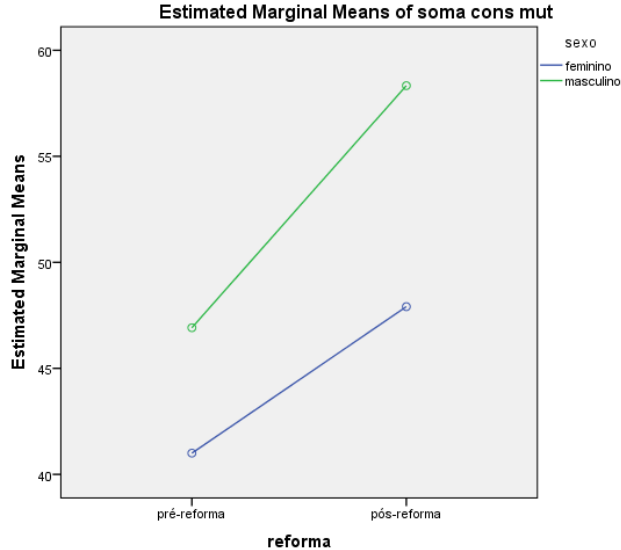
Anexo 9: Teste multivariado – variáveis: reforma, sexo e e respectiva interceção.

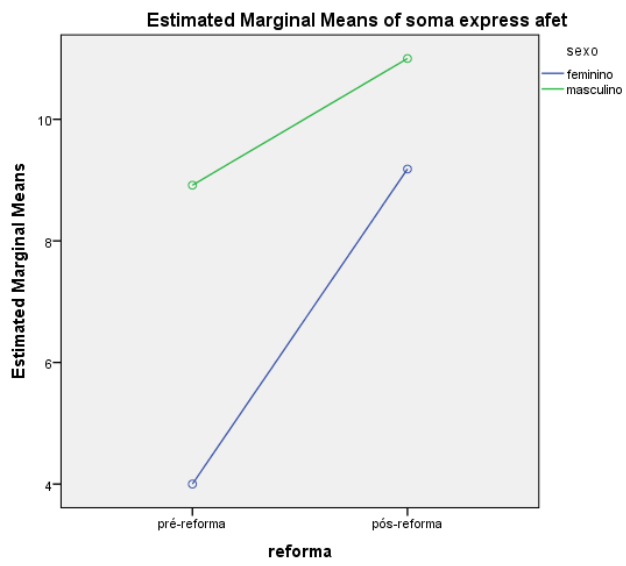
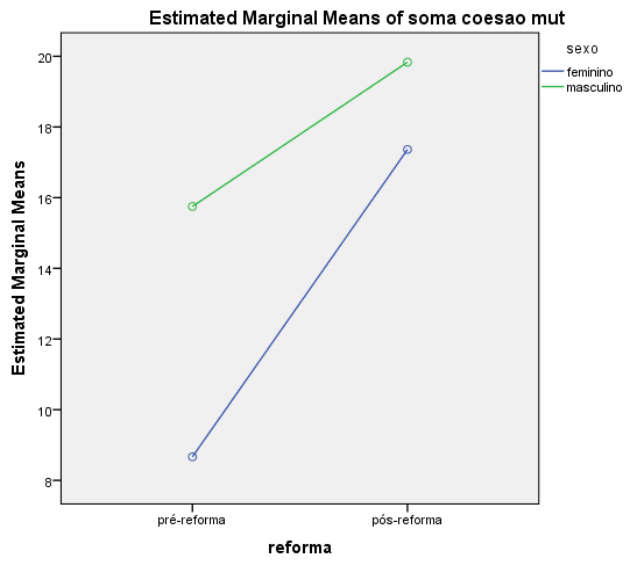
Multivariate Tests ^a							
Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared
Intercept	Pillai's Trace	,981	320,529 ^b	4,000	25,000	,000	,981
	Wilks' Lambda	,019	320,529 ^b	4,000	25,000	,000	,981
	Hotelling's Trace	51,285	320,529 ^b	4,000	25,000	,000	,981
	Roy's Largest Root	51,285	320,529 ^b	4,000	25,000	,000	,981
reforma	Pillai's Trace	,383	3,880 ^b	4,000	25,000	,014	,383
	Wilks' Lambda	,617	3,880 ^b	4,000	25,000	,014	,383
	Hotelling's Trace	,621	3,880 ^b	4,000	25,000	,014	,383
	Roy's Largest Root	,621	3,880 ^b	4,000	25,000	,014	,383
sexo	Pillai's Trace	,338	3,184 ^b	4,000	25,000	,030	,338
	Wilks' Lambda	,662	3,184 ^b	4,000	25,000	,030	,338
	Hotelling's Trace	,510	3,184 ^b	4,000	25,000	,030	,338
	Roy's Largest Root	,510	3,184 ^b	4,000	25,000	,030	,338
reforma * sexo	Pillai's Trace	,241	1,980 ^b	4,000	25,000	,128	,241
	Wilks' Lambda	,759	1,980 ^b	4,000	25,000	,128	,241
	Hotelling's Trace	,317	1,980 ^b	4,000	25,000	,128	,241
	Roy's Largest Root	,317	1,980 ^b	4,000	25,000	,128	,241

a. Design: Intercept + reforma + sexo + reforma * sexo

b. Exact statistic

Anexo 10: Gráficos representativos das quatro dimensões da EAM quanto ao sexo e reforma.





Anexo 11: Teste multivariado – variáveis: reforma, idade e respetiva interceção.

Multivariate Tests^a

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared
Intercept	Pillai's Trace	,977	269,453 ^b	4,000	25,000	,000	,977
	Wilks' Lambda	,023	269,453 ^b	4,000	25,000	,000	,977
	Hotelling's Trace	43,113	269,453 ^b	4,000	25,000	,000	,977
	Roy's Largest Root	43,113	269,453 ^b	4,000	25,000	,000	,977
reforma	Pillai's Trace	,099	,689 ^b	4,000	25,000	,606	,099
	Wilks' Lambda	,901	,689 ^b	4,000	25,000	,606	,099
	Hotelling's Trace	,110	,689 ^b	4,000	25,000	,606	,099
	Roy's Largest Root	,110	,689 ^b	4,000	25,000	,606	,099
idade_int_curtos	Pillai's Trace	,070	,469 ^b	4,000	25,000	,758	,070
	Wilks' Lambda	,930	,469 ^b	4,000	25,000	,758	,070
	Hotelling's Trace	,075	,469 ^b	4,000	25,000	,758	,070
	Roy's Largest Root	,075	,469 ^b	4,000	25,000	,758	,070
reforma *	Pillai's Trace	,254	2,130 ^b	4,000	25,000	,107	,254
	Wilks' Lambda	,746	2,130 ^b	4,000	25,000	,107	,254
idade_int_curtos	Hotelling's Trace	,341	2,130 ^b	4,000	25,000	,107	,254
	Roy's Largest Root	,341	2,130 ^b	4,000	25,000	,107	,254

a. Design: Intercept + reforma + idade_int_curtos + reforma * idade_int_curtos

b. Exact statistic

Anexo 12: Teste multivariado – variáveis: reforma, habilitações literárias e respetiva interceção.

		Multivariate Tests ^a					
Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared
Intercept	Pillai's Trace	,973	218,968 ^b	4,000	24,000	,000	,973
	Wilks' Lambda	,027	218,968 ^b	4,000	24,000	,000	,973
	Hotelling's Trace	36,495	218,968 ^b	4,000	24,000	,000	,973
	Roy's Largest Root	36,495	218,968 ^b	4,000	24,000	,000	,973
	Root						
reforma	Pillai's Trace	,123	,842 ^b	4,000	24,000	,512	,123
	Wilks' Lambda	,877	,842 ^b	4,000	24,000	,512	,123
	Hotelling's Trace	,140	,842 ^b	4,000	24,000	,512	,123
	Roy's Largest Root	,140	,842 ^b	4,000	24,000	,512	,123
	Root						
habil_lit	Pillai's Trace	,366	1,400	8,000	50,000	,220	,183
	Wilks' Lambda	,637	1,517 ^b	8,000	48,000	,176	,202
	Hotelling's Trace	,565	1,624	8,000	46,000	,144	,220
	Roy's Largest Root	,556	3,478 ^c	4,000	25,000	,022	,358
	Root						
reforma * habil_lit	Pillai's Trace	,146	1,026 ^b	4,000	24,000	,414	,146
	Wilks' Lambda	,854	1,026 ^b	4,000	24,000	,414	,146
	Hotelling's Trace	,171	1,026 ^b	4,000	24,000	,414	,146
	Roy's Largest Root	,171	1,026 ^b	4,000	24,000	,414	,146
	Root						

a. Design: Intercept + reforma + habil_lit + reforma * habil_lit

b. Exact statistic

c. The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

Anexo 13: Análise univariada: Aspectos da personalidade.

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: aspectos personalidade

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	983,705 ^a	9	109,301	1,097	,404	,310
Intercept	15206,383	1	15206,383	152,598	,000	,874
reforma	1,630	1	1,630	,016	,899	,001
sexo	66,085	1	66,085	,663	,424	,029
habil_lit	154,160	2	77,080	,774	,474	,066
reforma * sexo	151,812	1	151,812	1,523	,230	,065
reforma * habil_lit	390,289	1	390,289	3,917	,060	,151
sexo * habil_lit	18,869	2	9,434	,095	,910	,009
reforma * sexo * habil_lit	,276	1	,276	,003	,958	,000
Error	2192,295	22	99,650			
Total	28714,000	32				
Corrected Total	3176,000	31				

a. R Squared = ,310 (Adjusted R Squared = ,027)

Anexo 14: Análise univariada: Comunicação.

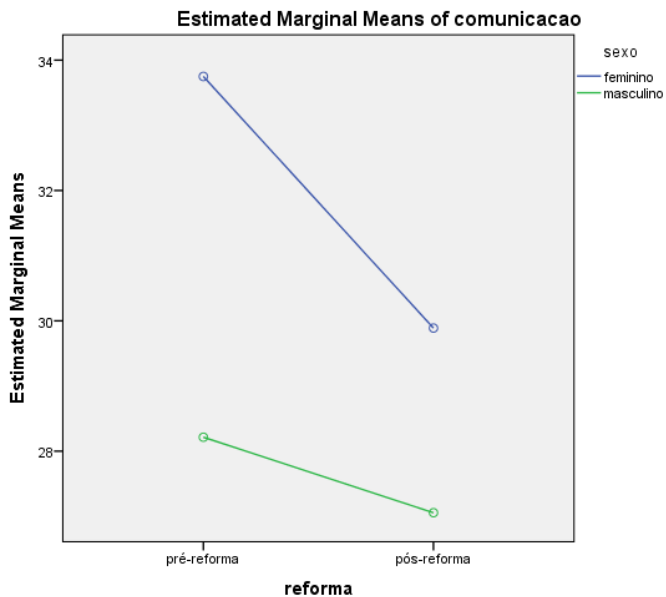
Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: comunicacao

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	276,671 ^a	9	30,741	1,490	,213	,379
Intercept	14233,013	1	14233,013	689,633	,000	,969
reforma	115,668	1	115,668	5,604	,027	,203
sexo	54,943	1	54,943	2,662	,117	,108
habil_lit	83,933	2	41,967	2,033	,155	,156
reforma * sexo	2,098	1	2,098	,102	,753	,005
reforma * habil_lit	19,822	1	19,822	,960	,338	,042
sexo * habil_lit	14,327	2	7,164	,347	,711	,031
reforma * sexo * habil_lit	1,871	1	1,871	,091	,766	,004
Error	454,048	22	20,639			
Total	25987,000	32				
Corrected Total	730,719	31				

a. R Squared = ,379 (Adjusted R Squared = ,124)

Anexo 15: Gráfico da análise univariada: Comunicação em função do sexo e reforma.



Anexo 16: Análise univariada: Família e amigos.

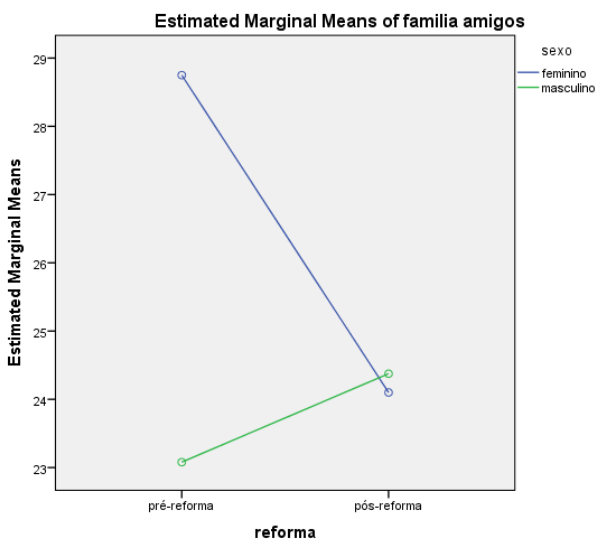
Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: familia amigos

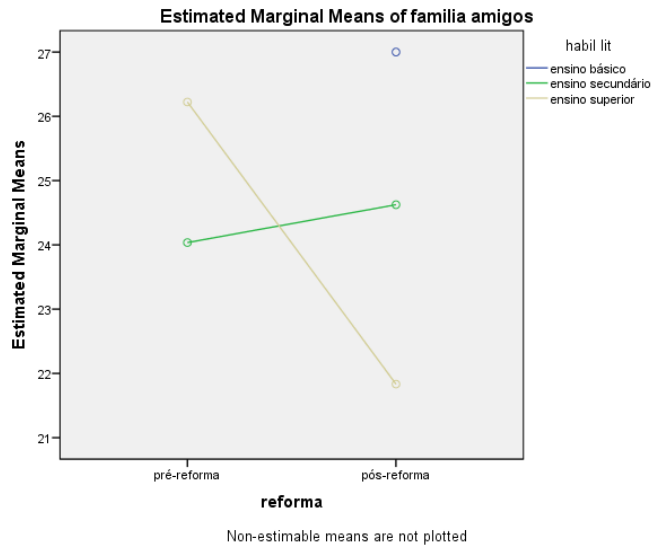
Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	153,990 ^a	9	17,110	2,097	,076	,462
Intercept	10100,401	1	10100,401	1237,866	,000	,983
reforma	24,116	1	24,116	2,956	,100	,118
sexo	37,573	1	37,573	4,605	,043	,173
habil_lit	21,589	2	10,795	1,323	,287	,107
reforma * sexo	34,154	1	34,154	4,186	,053	,160
reforma * habil_lit	44,994	1	44,994	5,514	,028	,200
sexo * habil_lit	,790	2	,395	,048	,953	,004
reforma * sexo * habil_lit	4,708	1	4,708	,577	,456	,026
Error	179,510	22	8,160			
Total	18194,000	32				
Corrected Total	333,500	31				

a. R Squared = ,462 (Adjusted R Squared = ,242)

Anexo 17: Gráfico da análise univariada: Família e amigos em função da reforma e sexo.



Anexo 18: Gráfico da análise univariada: Família e amigos em função da reforma e habilitações literárias.



Anexo 19: Análise univariada: Igualdade de papéis.

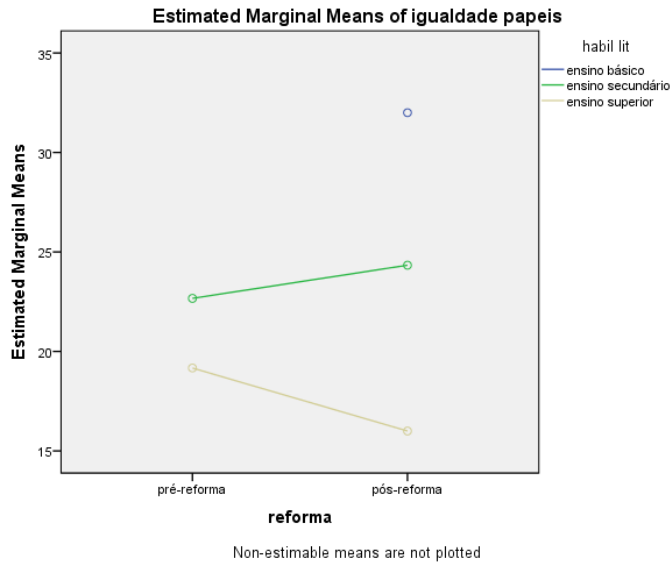
Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: igualdade papeis

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	578,802 ^a	4	144,701	6,220	,001
Intercept	10418,618	1	10418,618	447,815	,000
reforma	4,050	1	4,050	,174	,680
habil_lit	523,820	2	261,910	11,257	,000
reforma * habil_lit	42,050	1	42,050	1,807	,190
Error	628,167	27	23,265		
Total	15361,000	32			
Corrected Total	1206,969	31			

a. R Squared = ,480 (Adjusted R Squared = ,402)

Anexo 20: Gráfico da análise univariada: Igualdade de papéis em função da reforma e habilitações literárias.



Anexo 21: Correlações intra e inter-dimensões das duas escalas: EAM e ENRICH.

Correlations

		idealizacao	satisfacao	aspetos personalidade
idealizacao	Pearson Correlation	1	,407*	-,411*
	Sig. (2-tailed)		,021	,019
	N	32	32	32
satisfacao	Pearson Correlation	,407*	1	,165
	Sig. (2-tailed)	,021		,366
	N	32	32	32
aspetos personalidade	Pearson Correlation	-,411*	,165	1
	Sig. (2-tailed)	,019	,366	

	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,252	,411*	,525**
comunicacao	Sig. (2-tailed)	,164	,020	,002
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,019	,626**	,548**
resolucao conflitos	Sig. (2-tailed)	,919	,000	,001
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,323	,503**	,107
gestao financeira	Sig. (2-tailed)	,071	,003	,560
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,531**	,682**	-,063
atividades lazer	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,731
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,203	,665**	,045
relacoes sexuais	Sig. (2-tailed)	,265	,000	,806
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,167	,305	,122
filhos casamento	Sig. (2-tailed)	,362	,090	,506
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,235	,283	,546**
familia amigos	Sig. (2-tailed)	,195	,116	,001
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,209	,264	,191
igualdade papeis	Sig. (2-tailed)	,251	,144	,295

	N	32	32	32
orientacao religiosa	Pearson Correlation	,444*	,327	,066

Correlations

		comunicacao	resolucao conflitos	gestao financeira
idealizacao	Pearson Correlation	-,252	-,019*	,323*
	Sig. (2-tailed)	,164	,919	,071
	N	32	32	32
satisfacao	Pearson Correlation	,411*	,626	,503
	Sig. (2-tailed)	,020	,000	,003
	N	32	32	32
aspetos personalidade	Pearson Correlation	,525*	,548	,107
	Sig. (2-tailed)	,002	,001	,560
	N	32	32	32
comunicacao	Pearson Correlation	1	,718*	,243**
	Sig. (2-tailed)		,000	,180
	N	32	32	32
resolucao conflitos	Pearson Correlation	,718	1**	,430**
	Sig. (2-tailed)	,000		,014
	N	32	32	32
gestao financeira	Pearson Correlation	,243	,430**	1
	Sig. (2-tailed)	,180	,014	
	N	32	32	32
atividades lazer	Pearson Correlation	,199**	,515**	,630

	Sig. (2-tailed)	,274	,003	,000
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,340	,468**	,338
relacoes sexuais	Sig. (2-tailed)	,057	,007	,059
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,325	,354	,340
filhos casamento	Sig. (2-tailed)	,070	,047	,057
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,709	,579	,307**
familia amigos	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,088
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,292	,358	,644
igualdade papeis	Sig. (2-tailed)	,105	,044	,000
	N	32	32	32
orientacao religiosa	Pearson Correlation	,120*	,313	,647

Correlations

		atividades lazer	relacoes sexuais	filhos casamento
idealizacao	Pearson Correlation	,531	,203*	,167*
	Sig. (2-tailed)	,002	,265	,362
	N	32	32	32
satisfacao	Pearson Correlation	,682*	,665	,305
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,090
	N	32	32	32

	Pearson Correlation	-,063 *	,045	,122
aspectos personalidade	Sig. (2-tailed)	,731	,806	,506
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,199	,340 *	,325 **
comunicacao	Sig. (2-tailed)	,274	,057	,070
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,515	,468 **	,354 **
resolucao conflitos	Sig. (2-tailed)	,003	,007	,047
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,630	,338 **	,340
gestao financeira	Sig. (2-tailed)	,000	,059	,057
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	1 **	,501 **	,425
atividades lazer	Sig. (2-tailed)		,004	,015
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,501	1 **	,193
relacoes sexuais	Sig. (2-tailed)	,004		,290
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,425	,193	1
filhos casamento	Sig. (2-tailed)	,015	,290	
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,174	,149	,471 **
familia amigos	Sig. (2-tailed)	,342	,417	,006
	N	32	32	32

	Pearson Correlation	,544	,169	,221
igualdade papeis	Sig. (2-tailed)	,001	,356	,225
	N	32	32	32
orientacao religiosa	Pearson Correlation	,499*	,110	,412

Correlations

		familia amigos	igualdade papeis	orientacao religiosa
idealizacao	Pearson Correlation	-,235	,209*	,444*
	Sig. (2-tailed)	,195	,251	,011
	N	32	32	32
satisfacao	Pearson Correlation	,283*	,264	,327
	Sig. (2-tailed)	,116	,144	,068
	N	32	32	32
aspetos personalidade	Pearson Correlation	,546*	,191	,066
	Sig. (2-tailed)	,001	,295	,720
	N	32	32	32
comunicacao	Pearson Correlation	,709	,292*	,120**
	Sig. (2-tailed)	,000	,105	,512
	N	32	32	32
resolucao conflitos	Pearson Correlation	,579	,358**	,313**
	Sig. (2-tailed)	,001	,044	,081
	N	32	32	32
gestao financeira	Pearson Correlation	,307	,644**	,647
	Sig. (2-tailed)	,088	,000	,000

	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,174**	,544**	,499
atividades lazer	Sig. (2-tailed)	,342	,001	,004
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,149	,169**	,110
relacoes sexuais	Sig. (2-tailed)	,417	,356	,549
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,471	,221	,412
filhos casamento	Sig. (2-tailed)	,006	,225	,019
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	1	,369	,306**
familia amigos	Sig. (2-tailed)		,037	,088
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,369	1	,655
igualdade papeis	Sig. (2-tailed)	,037		,000
	N	32	32	32
orientacao religiosa	Pearson Correlation	,306*	,655	1

Correlations

		total enrich	soma cons mut	soma satisf mut
	Pearson Correlation	,224	,594*	,670*
idealizacao	Sig. (2-tailed)	,218	,000	,000
	N	32	32	32
satisfacao	Pearson Correlation	,698*	,132	,378

	Sig. (2-tailed)	,000	,472	,033
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,514*	-,221	-,315
aspetos personalidade	Sig. (2-tailed)	,003	,224	,080
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,652	-,526*	-,116**
comunicacao	Sig. (2-tailed)	,000	,002	,527
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,805	-,064**	,141**
resolucao conflitos	Sig. (2-tailed)	,000	,729	,443
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,715	,206**	,282
gestao financeira	Sig. (2-tailed)	,000	,258	,118
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,688**	,268**	,475
atividades lazer	Sig. (2-tailed)	,000	,138	,006
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,511	,006**	,143
relacoes sexuais	Sig. (2-tailed)	,003	,974	,435
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,544	-,044	,329
filhos casamento	Sig. (2-tailed)	,001	,810	,066
	N	32	32	32
familia amigos	Pearson Correlation	,659	-,244	-,028**

	Sig. (2-tailed)	,000	,179	,878
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,689	,099	,148
igualdade papeis	Sig. (2-tailed)	,000	,589	,420
	N	32	32	32
orientacao religiosa	Pearson Correlation	,650*	,252	,391

Correlations

		soma coesao mut	soma express afet	total eam
	Pearson Correlation	,602	,623*	,724*
idealizacao	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,020*	,166	,180
satisfacao	Sig. (2-tailed)	,914	,365	,325
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,531*	-,328	-,386
aspetos personalidade	Sig. (2-tailed)	,002	,067	,029
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,558	-,498*	-,519**
comunicacao	Sig. (2-tailed)	,001	,004	,002
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,240	-,207**	-,093**
resolucao conflitos	Sig. (2-tailed)	,186	,257	,613
	N	32	32	32

	Pearson Correlation	,192	,146**	,249
gestao financeira	Sig. (2-tailed)	,294	,425	,170
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,314**	,250**	,378
atividades lazer	Sig. (2-tailed)	,080	,167	,033
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,131	,048**	,009
relacoes sexuais	Sig. (2-tailed)	,473	,795	,960
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,035	,023	,075
filhos casamento	Sig. (2-tailed)	,849	,898	,684
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,250	-,319	-,244**
familia amigos	Sig. (2-tailed)	,168	,075	,178
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,079	-,002	,109
igualdade papeis	Sig. (2-tailed)	,668	,992	,554
	N	32	32	32
orientacao religiosa	Pearson Correlation	,099*	,030	,256

Correlations

		idealizacao	satisfacao	aspetos personalidade
orientacao religiosa	Sig. (2-tailed)	,011	,068*	,720*
	N	32	32	32

	Pearson Correlation	,224	,698	,514
total enrich	Sig. (2-tailed)	,218*	,000	,003
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,594	,132	-,221
soma cons mut	Sig. (2-tailed)	,000*	,472	,224
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,670	,378	-,315
soma satisf mut	Sig. (2-tailed)	,000	,033*	,080**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,602	-,020	-,531
soma coesao mut	Sig. (2-tailed)	,000	,914**	,002**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,623	,166	-,328
soma express afet	Sig. (2-tailed)	,000	,365**	,067
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,724	,180	-,386
total eam	Sig. (2-tailed)	,000**	,325**	,029
	N	32	32	32

Correlations

		comunicacao	resolucao conflitos	gestao financeira
orientacao religiosa	Sig. (2-tailed)	,512	,081*	,000*
	N	32	32	32
total enrich	Pearson Correlation	,652	,805	,715

	Sig. (2-tailed)	,000*	,000	,000
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,526	-,064	,206
soma cons mut	Sig. (2-tailed)	,002*	,729	,258
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,116	,141	,282
soma satisf mut	Sig. (2-tailed)	,527	,443*	,118**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,558	-,240	,192
soma coesao mut	Sig. (2-tailed)	,001	,186**	,294**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,498	-,207	,146
soma express afet	Sig. (2-tailed)	,004	,257**	,425
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,519	-,093	,249
total eam	Sig. (2-tailed)	,002**	,613**	,170
	N	32	32	32

Correlations

		atividades lazer	relacoes sexuais	filhos casamento
orientacao religiosa	Sig. (2-tailed)	,004	,549*	,019*
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,688	,511	,544
total enrich	Sig. (2-tailed)	,000*	,003	,001

	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,268	,006	-,044
soma cons mut	Sig. (2-tailed)	,138 *	,974	,810
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,475	,143	,329
soma satisf mut	Sig. (2-tailed)	,006	,435 *	,066 **
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,314	-,131	,035
soma coesao mut	Sig. (2-tailed)	,080	,473 **	,849 **
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,250	,048	,023
soma express afet	Sig. (2-tailed)	,167	,795 **	,898
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,378	,009	,075
total eam	Sig. (2-tailed)	,033 **	,960 **	,684
	N	32	32	32

Correlations

		familia amigos	igualdade papeis	orientacao religiosa
orientacao religiosa	Sig. (2-tailed)	,088	,000 *	
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,659	,689	,650
total enrich	Sig. (2-tailed)	,000 *	,000	,000
	N	32	32	32

	Pearson Correlation	-,244	,099	,252
soma cons mut	Sig. (2-tailed)	,179*	,589	,165
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,028	,148	,391
soma satisf mut	Sig. (2-tailed)	,878	,420*	,027**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,250	,079	,099
soma coesao mut	Sig. (2-tailed)	,168	,668**	,591**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,319	-,002	,030
soma express afet	Sig. (2-tailed)	,075	,992**	,870
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,244	,109	,256
total eam	Sig. (2-tailed)	,178**	,554**	,157
	N	32	32	32

Correlations

		total enrich	soma cons mut	soma satisf mut
orientacao religiosa	Sig. (2-tailed)	,000	,165*	,027*
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	1	,020	,248
total enrich	Sig. (2-tailed)		,914	,172
	N	32	32	32
soma cons mut	Pearson Correlation	,020	1	,505

	Sig. (2-tailed)	,914*		,003
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,248	,505	1
soma satisf mut	Sig. (2-tailed)	,172	,003*	
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,141	,677	,490
soma coesao mut	Sig. (2-tailed)	,440	,000**	,004**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,073	,694	,584
soma express afet	Sig. (2-tailed)	,690	,000**	,000
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,022	,915	,726
total eam	Sig. (2-tailed)	,903**	,000**	,000
	N	32	32	32

Correlations

		soma coesao mut	soma express afet	total eam
orientacao religiosa	Sig. (2-tailed)	,591	,870*	,157*
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	-,141	-,073	,022
total enrich	Sig. (2-tailed)	,440*	,690	,903
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,677	,694	,915
soma cons mut	Sig. (2-tailed)	,000*	,000	,000

	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,490	,584	,726
soma satisf mut	Sig. (2-tailed)	,004	,000*	,000**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	1	,768	,852
soma coesao mut	Sig. (2-tailed)		,000**	,000**
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,768	1	,852
soma express afet	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	32	32	32
	Pearson Correlation	,852	,852	1
total eam	Sig. (2-tailed)	,000**	,000**	
	N	32	32	32

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 22: Testes não paramétricos: “Existirão diferenças para as dimensões de ENRICH e da EAM para as categorias da reforma (pré e pós)?”

Test Statistics^a

	soma cons mut	soma satisf mut	soma coesao mut	soma express afet
Mann-Whitney U	78,000	100,500	66,500	69,500
Wilcoxon W	198,000	220,500	186,500	189,500
Z	-1,881	-1,025	-2,318	-2,216
Asymp. Sig. (2-tailed)	,060	,306	,020	,027
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,064 ^b	,313 ^b	,020 ^b	,027 ^b

Test Statistics^a

	total eam	idealizacao	satisfacao	aspetos personalidade	comunicacao
Mann-Whitney U	66,500	107,000	112,000	125,000	95,000
Wilcoxon W	186,500	227,000	232,000	278,000	248,000
Z	-2,306	-,782	-,594	-,095	-1,231
Asymp. Sig. (2-tailed)	,021	,434	,553	,925	,218
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,020 ^b	,455 ^b	,576 ^b	,941 ^b	,230 ^b

Test Statistics^a

	resolucao conflitos	gestao financeira	atividades lazer	relacoes sexuais
Mann-Whitney U	118,500	92,000	102,000	115,500
Wilcoxon W	238,500	212,000	222,000	268,500
Z	-,342	-,1356	-,966	-,456
Asymp. Sig. (2-tailed)	,732	,175	,334	,648
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,737 ^b	,189 ^b	,350 ^b	,655 ^b

Test Statistics^a

	filhos casamento	familia amigos	igualdade papeis	orientacao religiosa
Mann-Whitney U	119,000	123,500	113,000	111,000
Wilcoxon W	272,000	243,500	266,000	231,000
Z	-,323	-,152	-,550	-,625
Asymp. Sig. (2-tailed)	,747	,879	,583	,532
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,766 ^b	,882 ^b	,602 ^b	,551 ^b

Test Statistics^a

	total enrich
Mann-Whitney U	116,500
Wilcoxon W	236,500
Z	-,416
Asymp. Sig. (2-tailed)	,678
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,682 ^b

a. Grouping Variable: reforma

b. Not corrected for ties.

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of some consumption is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,064 ¹	Retain the null hypothesis.
2	The distribution of some satisfaction is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,313 ¹	Retain the null hypothesis.
3	The distribution of some cohesion is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,020 ¹	Reject the null hypothesis.
4	The distribution of some expression of reform is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,027 ¹	Reject the null hypothesis.
5	The distribution of total team is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,020 ¹	Reject the null hypothesis.
6	The distribution of idealization is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,455 ¹	Retain the null hypothesis.
7	The distribution of satisfaction is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,576 ¹	Retain the null hypothesis.
8	The distribution of aspects of personality is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,941 ¹	Retain the null hypothesis.
9	The distribution of communication is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,230 ¹	Retain the null hypothesis.
10	The distribution of resolution of conflicts is the same across categories of reform.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,737 ¹	Retain the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

¹Exact significance is displayed for this test.

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
11	The distribution of gestao financeira is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,189 ¹	Retain the null hypothesis.
12	The distribution of atividades lazer is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,350 ¹	Retain the null hypothesis.
13	The distribution of relacoes sexuais is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,655 ¹	Retain the null hypothesis.
14	The distribution of filhos casamento is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,766 ¹	Retain the null hypothesis.
15	The distribution of familia amigos is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,882 ¹	Retain the null hypothesis.
16	The distribution of igualdade papel is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,602 ¹	Retain the null hypothesis.
17	The distribution of orientacao religiosa is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,551 ¹	Retain the null hypothesis.
18	The distribution of total enrich is the same across categories of reforma.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,682 ¹	Retain the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

¹Exact significance is displayed for this test.

Anexo 23: Consentimento informado



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro ter sido informado da natureza e dos procedimentos da presente investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, aceito responder ao protocolo que me foi apresentado.

Coimbra, ___ de _____ de 20__

(Assinatura)

Anexo 24: Questionário sociodemográfico.

Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

Código: _____

Data: __/__/__

1. Sexo

- Feminino
- Masculino

2. A pessoa com quem vivo (cônjuge) é do sexo

- Feminino
- Masculino

3. Tenho ____ anos de idade.

4. A pessoa com quem vivo (cônjuge) tem ____ anos de idade.

5. Eu e o meu/minha companheiro/a estamos

- Casados
- A viver em união de facto

6. Eu e o/a meu/minha cônjuge/companheiro/a vivemos juntos desde: ____/____

7. Local de residência (indique apenas o local) _____

8. Sobre a sua relação conjugal:

- Esta é a minha primeira relação de casal.
- Esta **não** é a minha primeira relação de casal:
 - Já vivi em união de facto/fui casado/a ____ vezes.

9. Escolaridade/Habilitações Literárias:

- Não estudei
- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Ensino Superior

- Ensino Profissional
- Não terminei nenhum grau
- Outro. Qual? _____.

10. A minha profissão principal é/foi _____.

11. Situação na minha profissão:

- Patrão
- Trabalhador por conta própria sem assalariados
- Trabalhador por conta de outrem
- Desempregado
- Pensionista
- Reformado

12. Sobre a minha reforma:

Se ainda não estou reformado: É previsível que me reforme daqui a _____ anos.

Desejaria estar reformado daqui a _____ anos.

Se já estou reformado:

a) Estou reformado(a) há _____ anos.

b) Que atividades fazem parte do seu dia-a-dia após a reforma?

- Tarefas/atividades ligadas à igreja/religião
- Universidade Sénior
- Atividades Desportivas
 - Organizada. Qual/Quais? _____
 - _____.

Outra. Qual/Quais? (exemplo: caminhadas) _____

_____.

Agricultura

Costura

Artesanato

Voluntariado

Outro/s. Qual ou Quais? _____.

c) Já praticava esta(s) atividade(s) antes da reforma?

Não.

Sim. Qual/Quais? _____.

d) Desejaria realizar alguma(s)/outra(s) atividades?

Não.

Sim. Qual/Quais? _____.

13. Número de filhos:

① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ○ (8 ou mais)

14. Destes filhos um ou mais são fruto de casamentos/uniões de facto anteriores?

Não.

Sim. Quantos? _____

15. Filhos:

<p>1. - Idade: _____ anos. - É filho do meu companheiro. <input type="checkbox"/> - É meu filho. <input type="checkbox"/> - É filho de ambos. <input type="checkbox"/> - Estado civil: _____ Vive connosco: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se não, com que idade saiu de casa? _____ anos.</p>	<p>2. - Idade: _____ anos. - É filho do meu companheiro. <input type="checkbox"/> - É meu filho. <input type="checkbox"/> - É filho de ambos. <input type="checkbox"/> - Estado civil: _____ Vive connosco: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se não, com que idade saiu de casa? _____ anos.</p>	<p>3. - Idade: _____ anos. - É filho do meu companheiro. <input type="checkbox"/> - É meu filho. <input type="checkbox"/> - É filho de ambos. <input type="checkbox"/> - Estado civil: _____ Vive connosco: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se não, com que idade saiu de casa? _____ anos.</p>
<p>4. - Idade: _____ anos. - É filho do meu companheiro. <input type="checkbox"/> - É meu filho. <input type="checkbox"/> - É filho de ambos. <input type="checkbox"/> - Estado civil: _____ Vive connosco: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se não, com que idade saiu de casa? _____ anos.</p>	<p>5. - Idade: _____ anos. - É filho do meu companheiro. <input type="checkbox"/> - É meu filho. <input type="checkbox"/> - É filho de ambos. <input type="checkbox"/> - Estado civil: _____ Vive connosco: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se não, com que idade saiu de casa? _____ anos.</p>	<p>6. - Idade: _____ anos. - É filho do meu companheiro. <input type="checkbox"/> - É meu filho. <input type="checkbox"/> - É filho de ambos. <input type="checkbox"/> - Estado civil: _____ Vive connosco: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se não, com que idade saiu de casa? _____ anos.</p>

Por favor, reveja se respondeu a TODAS as questões.

Observações:

Muito obrigada pela sua participação.